EXCLUSIVO
ISTOÉ
TRÊS
“A reoneração dos combustíveis não é uma vitória, nem uma derrota. Corrige uma decisão que teve clara intenção eleitoral. Uma herança complicada”
Fernando Haddad, ministro da Fazenda
O fiador da estabilidade
Atacado pelo PT, Fernando Haddad tenta garantir a responsabilidade fiscal, destravar a Reforma Tributária e preservar a harmonia com o Banco Central. Virou a grande esperança contra a volta do populismo econômico. Em entrevista à ISTOÉ, ele defende a volta do imposto sobre os combustíveis e diz que a nova âncora fiscal vai trazer mais eficiência do que o teto de gastos

ENTREVISTA

CAMILO SANTANA

Ministro da Educação

"NÃO VAMOS CEDER ÀS PRESSÕES DO CENTRÃO PELO FNDE"

Por Dyepeson Martins

A reconstrução do sistema educacional brasileiro é o foco do plano de trabalho a ser entregue pelo Ministério da Educação (MEC) ao presidente Lula antes do encerramento dos primeiros 100 dias do novo governo. Comandando a empreitada, está o ministro Camilo Santana que, antes de assumir a pasta, foi governador do Ceará e eleito senador pelo estado em 2022. Em entrevista à ISTOÉ, ele falou sobre os desafios para reverter a realidade de analfabetismo e evasão escolar no ensino público por meio de políticas sociais que compreendam as especificidades de cada região. "A educação precisa ser, acima de tudo, democrática, inclusiva e crítica". Entre as ações estratégicas, estão: o incentivo à ampliação de escolas de ensino integral, classificadas como uma das prioridades da gestão e investimentos na área tecnológica, tanto para os professores como para os alunos. Em relação às escolas cívico-militares, defendidas pelo governo Bolsonaro, Santana diz que essas instituições não são prioridades para o ministério, que reavaliará a continuação dessa política. O ministro negou, ainda, a possibilidade da direção do FNDE ser entregue a partidos que buscam cargos para fortalecer a base governista no Congresso. Ele tangenciou ao falar sobre as críticas que petistas vêem fazendo ao ministro Haddad. "Críticas sempre haverão, mas isso faz parte da democracia."

Apenas uma a cada três crianças é alfabetizada na idade certa no Brasil. Quais ações a curto e a longo prazo estão sendo tomadas para reverter essa realidade?

Concluímos a elaboração de uma proposta e a levaremos nos próximos dias ao presidente. É um grande programa de alfabetização na idade certa no Brasil, que só poderá ser realizado com apoio forte do Governo. Ou seja, com o papel

EXPLORAÇÃO POLÍTICA "O MEC era direcionado para interesses políticos e partidários", diz Camilo Santana

do MEC, a liderança do presidente, convocando os governadores e prefeitos. Uma espécie de grande pacto nacional, mas sob a coordenação do MEC, não só do ponto de vista de apoio institucional, pedagógico, mas também de apoio financeiro. Estamos levando essa proposta na construção de uma grande rede baseada nas experiências de sucesso realizadas em alguns estados, inclusive no Ceará. Então, a gente quer agora, nestes 100 dias, lançar ou pelo menos ver se o presidente chancela esse programa. E aí eu quero percorrer os estados, conversar com os governadores, porque isso vai ter que ser uma adesão dentro do pacto federativo, entre a União e os municípios, para que a gente possa tirar o Brasil dessa triste realidade, de que apenas um terço das crianças aprendem a ler e a escrever na idade certa.

“Queremos acabar com essa triste realidade de que apenas um terço das crianças aprendem a ler e a escrever na idade certa”

Uma das alternativas apontadas pelos técnicos é a ampliação das escolas de ensino integral. Há algum projeto em andamento nesse sentido?

O ministério tem várias ações importantes e várias políticas que estamos reformulando. Algumas ações emergenciais, como foi a ampliação de bolsas agora, que não eram reajustadas há mais de dez anos e a ampliação de bolsas de apoio à permanência dos estudantes nas universidades. Mas temos três pontos importantes como meta: o grande problema de alfabetizar na idade certa; o Programa de Escola de Tempo Integral; e a terceira é a conectividade. Vou até me adiantar sobre esses três pontos principais. No mundo de hoje, principalmente após a pandemia, que acelerou o processo de conectividade, de acesso à tecnologia no mundo digital, é impossível não ter hoje todas as escolas conectadas no Brasil. E não é só levando a internet. Tem que ter conexão com o acesso a equipamentos de professores e alunos, tendo uma plataforma pedagógica para reforçar o aprendizado.

O Brasil tem mais de 1 milhão de crianças que deveriam estar na sala de aula, mas não estão. Muitas ficaram fora durante a pandemia ou tiveram um ensino precário à distância. Qual o tempo estimado para recuperar esse tempo perdido?

Esse programa que estamos sugerindo ao presidente vai em duas linhas: a de garantir que daqui para frente a gente possa corrigir essa distorção e que o aluno que termine o segundo ano sabendo ler e escrever. E a outra é recuperar essa defasagem das crianças, principalmente as que foram prejudicadas nesses dois anos da pandemia. Então, esse é um trabalho que exige um esforço maior para que a gente possa trabalhar nessas duas linhas: recuperar esse tempo perdido e garantir que daqui para a frente as crianças aprendam e essa distorção diminua. Temos realidades regionalmente diferentes no Brasil. Dentro do próprio estado você tem realidades diferentes, dentro da própria região. Tem estados com distorção de 35% ou mais de idade e série do aluno e tem estados com 6% nessa distorção. Qeremos que nos próximos quatro anos a gente possa corrigir isso. Não sei se daqui a quatro anos 100% das crianças estarão aprendendo a ler e a escrever. Se todos aderirem, construírem essa pactuação, se unirem, a gente pode dar um grande salto.

O governo tem destinado verbas adequadas à Educação, mesmo com a dificuldade de recursos?

O orçamento deste ano está praticamente amarrado porque ele foi aprovado no governo passado. Tivemos uma margem de melhora no orçamento, no final do ano, com a PEC da Transição, que tirou o Bolsa Família do teto de gastos. Com isso, possibilitou que alguns recursos fossem suplementados e uma dessas áreas foi a Educação. Recebemos um incremento de cerca de R$ 10 bilhões para o MEC, mas isso está longe de corrigir toda a defasagem ao longo dos últimos quatro anos, com o desgoverno Bolsonaro, que não olhou para a Educação, que não priorizou o ensino e desmontou políticas públicas. A primeira coisa que estou fazendo aqui é abrir as porta do MEC para o diálogo e para a cooperação federativa. Eu fui governador e eu senti na pele, nos últimos quatro anos, a falta de diálogo com o Ministério da Educação. E olha que o Ceará é um estado de referência na educação brasileira.

Há criticas sobre a reforma no ensino médio aprovada no governo Temer. Alguns especialistas dizem que ela limita as escolhas dos estudantes e aumenta as desigualdades. Como o MEC enxerga a mudança feita?

A gente compreende que faltou mais diálogo e discussão na implementação do novo ensino médio. A orientação que >>

FOTOS: SERGIO DUTTI; DENNY CESARE/CÓDIGO 19/FOLHAPRESS

temos dado a toda a nossa equipe é fazer uma reavaliação. Estamos aí criando um grupo de trabalho, convocando entidades representativas dos setores, professores e alunos. Há uma preocupação muito grande, pois há realidades muito distintas em relação a regiões, estados e municípios. E aí você pode criar uma distorção, não dando as mesmas oportunidades para os jovens de todas as escolas brasileiras e isso aumentar as desigualdades. Podemos construir parcerias com outros sistemas, como o Sistema S. A ideia não é a crítica só pela crítica. A ideia é que a gente possa fazer uma reavaliação, convocando especialistas e a comunidade acadêmica, para que a gente possa corrigir isso e ver no que é possível melhorar.

A política econômica do ministro Fernando Haddad está sendo criticada até pelo PT. O senhor acha que o partido está "fritando" o ministro?

A relação do ministro Haddad com o partido é a melhor possível. Essa semana tivemos uma reunião de trabalho do MEC com o Ministério da Fazenda e em relação à Educação o relacionamento é bom. Até porque Haddad sabe da importância da Educação para o País, pois foi ministro da Educação por quase oito anos. Nesse período, o Brasil deu um salto significativo. O grande problema é que o orçamento, já que ele não foi construído por este governo. A partir do próximo orçamento, vamos discutir com a Fazenda, com o Planejamento e com o presidente Lula, todos os programas que vão precisar de aumento de recursos para os anos seguintes. Uma série de investimentos serão feitos. Não tenho dúvida que contarei com o apoio do ministro Haddad, que considero uma pessoa extraordinária, capacitada para dirigir a economia nesse momento do nosso País.

Mas e as críticas do PT ao trabalho dele?

Críticas sempre haverá. Vai ter críticas no MEC e em várias áreas do governo, mas eu sempre digo que isso faz parte da democracia.

O governo anterior incentivou a criação de escolas cívico-militares e hoje por todo o Brasil explodem denúncias sobre a imposição de um modelo ultrapassado de ensino. Esse programa vai acabar?

Não será uma prioridade do ministério. Inclusive já extinguimos a diretoria que tratava desse programa. Solicitei à área da Secretaria de Educação Básica do Ministério que faça uma reavaliação dessa política, até porque já tem escolas funcionando em vários estados. Nós vamos ouvir os governadores, vamos ouvir os secretários, para que a gente possa tomar as decisões em relação a essa política e sobre esse programa que foi criado no governo passado.

Na gestão anterior, o FNDE foi alvo de muitas denúncias de corrupção. O que já foi identificado sobre irregularidades nessa pasta?

Primeiro, o FNDE está passando por uma auditoria por parte do Tribunal de Contas e eu, quando cheguei ao ministério, solicitei à AGU uma auditoria em todos os setores, e principalmente, com foco no FNDE por conta das denúncias que se tornaram públicas. Acho que é importante aprofundar o que aconteceu no órgão. O que aconteceu é que o MEC era simplesmente direcionado para interesses políticos e partidários. Então, esse foi um grave problema que aconteceu também dentro do FNDE. Trouxemos uma pessoa altamente experiente na área de cuidar da parte de gestão e que está reorganizando o fundo, levantando todas as políticas que foram desmontadas lá dentro e todas as obras superfaturadas. Temos obras que estão há mais de dez anos paralisadas ou inacabadas. Estamos com um arcabouço jurídico legal para ser aprovado para que a gente possa retomar essas obras, com negociação com os prefeitos e governadores. E garantir que as creches sejam concluídas e que as escolas sejam acabadas.

> "As escolas com ensino militar não serão uma prioridade do ministério. Inclusive já extinguimos a diretoria que tratava desse programa"

Partidos do Centrão têm pedido cargos no setor da Educação para aderirem ao governo. O senhor aceita participar dessas negociações?

Todos os cargos já estão preenchidos. Na diretoria, grande parte já foi nomeada e a equipe está definida. Todos os cargos das secretarias aqui do ministério, os cargos do FNDE, do Inep, da Capes, são definidos por critérios técnicos, sem pressões. Eu não tenho nada contra a política, até porque eu sou político. Mas as pessoas precisam ter um perfil adequado para assumir determinadas funções, como liderança, competência e conhecimento. ■

FOTO: COLÉGIO VILA MILITAR/DIVULGAÇÃO

Carlos José Marques, *diretor editorial*

HORA DO JUÍZO DO 8 DE JANEIRO

Não está havendo trégua – e nem deveria existir – na investigação, julgamento e busca de punição dos envolvidos nos atos golpistas do 8 de janeiro. Passados dois meses dos episódios, ao menos 900 dos identificados seguem presos e vêm mais por aí. Muito mais. Conforme reportagem exclusiva de **ISTOÉ** na sua edição de número 2768, há duas semanas, os militares estarão entre os próximos alvos. O ministro Alexandre de Moraes decidiu na última segunda-feira, 27, que o STF será o responsável por tal julgamento; que a Corte possui a competência necessária para a tarefa de deliberar sobre o envolvimento e culpa das Forças Armadas, especialmente daqueles oficiais lotados no GSI (comandado pelo general Augusto Heleno), que de alguma forma possam ter colaborado para o ocorrido. Moraes também autorizou a instauração imediata dos procedimentos investigatórios no caso, tirando da tutela da Justiça Militar a atribuição. É uma virada e tanto nos procedimentos nessas situações. Na prática, Moraes concentrou na esfera do Supremo os inquéritos sobre os crimes ali verificados. Autoria, materialidade e eventuais colaborações da caserna serão tratadas sem distinções às dos envolvidos civis. Isonomia, não importando a patente ou mesmo o nível de autoridade de alguns dos suspeitos, parece ser a tônica. Note o caso do ex-ministro da Justiça Anderson Torres que segue atrás das grades até hoje. A minuta golpista encontrada em sua casa (ficou-se sabendo há alguns dias) estava em uma pasta do governo federal, deixando evidente – e rebatendo o argumento da defesa de que seria um papel sem valor a ser descartado – que se tratava de um documento relevante, "muito bem guardado", segundo a Procuradoria-Geral da República (PGR). Torres parece mesmo envolvido nos acontecimentos até o último fio de cabelo. Articulou e planejou inúmeros dos passos. Na condição de secretário de Segurança do Distrito Federal durante o fato, resolveu tirar férias estratégicas e desmobilizou as forças- tarefas policiais para não haver resistência efetiva à baderna. O processo que corre contra ele e o governador afastado, Ibaneis Rocha, por suposta omissão foi prorrogado por mais 60 dias e o MPF entende que Torres oferece, sim, claros riscos à colheita de provas e deve seguir encarcerado. Em meio às movimentações no plano legal, deve coroar e colocar ainda mais holofotes sobre o episódio a instauração da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) dos atos golpistas, que já reuniu as assinaturas necessárias e promete galvanizar as atenções do Congresso – e, por tabela, do País – com a revelação dos detalhes que levaram àquele desfecho. O ministro Gilmar Mendes já abriu prazo para que o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco, se manifeste a respeito. Ele quer que no período de até dez dias (a terminar nesta semana), o parlamentar se manifeste acerca dos elementos disponibilizados para a abertura da CPI. Os magistrados da Suprema Corte, que foram diretamente atingidos, inclusive com a destruição quase total de suas instalações, demonstram que não irão mesmo descansar enquanto tudo não estiver esclarecido e os culpados devidamente penalizados. O decano Mendes é o relator de um mandado de segurança apresentado pela senadora Soraya Thronicke, ex-candidata à presidência, apontando uma "postergação injustificada" na análise do pedido de instalação da comissão. Definitivamente, não será por meio de gambiarras políticas e acordos mal velados que o tema irá parar nas gavetas e permanecerá esquecido. O atual governo Lula não parece interessado no prosseguimento da CPI, mesmo sendo ele o principal atingido e ameaçado pelos atentados. O temor no caso é que sobrem faíscas para cima do ministro Flávio Dino, atual titular da Justiça, que teria sido alertado das ameaças e não tomou as providências cabíveis. De uma forma ou de outra, pela natureza dos interesses partidários, boa parte dos políticos teme qualquer sinal de CPI porque, como dizem, a maioria sabe como elas se iniciam, mas não como acabam. Não há controle em relação aos desdobramentos de discussões assim nas comissões e a tropa de Lula, que tenta dar andamento a projetos candentes para a retomada, receia que uma CPI nesse momento possa prejudicar o início dos seus trabalhos. O Brasil, é fato, quer respostas e travas para que nunca mais algo sequer semelhante volte a acontecer. Foram deploráveis os ataques à democracia naquele infame 8 de janeiro e o juízo final sobre os acusados, inevitavelmente, está prestes a ocorrer. ■

FOTO: REPRODUÇÃO CAPA/2768

Sumário

Nº 2770 – 8 de março de 2023

ISTOE.COM.BR

20

CAPA Fernando Haddad, ministro da Fazenda, é hoje o fiador da estabilidade. Tenta garantir a responsabilidade social, fazer a reforma tributária e barrar o populismo econômico

30

BRASIL O centenário de morte de Rui Barbosa, o grande civilista que projetou o Brasil para ordem mundial na Conferência de Haia

58

INTERNACIONAL A Índia ultrapassará a China como o país mais populoso do mundo, com 1,425 bilhão de pessoas. Segundo a ONU, isso irá acontecer no próximo mês

60

CULTURA A redescoberta e a expansão de tradicionais museus do País, a exemplo da Pinacoteca de São Paulo

FOTO CAPA: GABRIELA BILÓ/ESTADÃO CONTEÚDO/AE
FOTOS EDITORIAIS: CRISTIANO MARIZ/O GLOBO; AGÊNCIA ESTADO; ANINDITO MUKHERJEE/GETTY IMAGES ASIAPAC/GETTY IMAGES/AFP; GABRIEL REIS

por Marcos Strecker

Redator-chefe de ISTOÉ

CHEGOU A HORA DE REGULAR AS REDES

Há muita desinformação e mistificação no debate sobre a liberdade de informação na internet. Criminosos, terroristas, ditadores e milícias digitais encontraram nas redes sociais um terreno fértil para suas atividades. Como foram criadas há menos de 20 anos, até hoje tem prevalecido a falsa equivalência entre essas redes e a imprensa, por exemplo. Ou entre elas e os espaços públicos de debate, como TVs e rádios, que são concessões.

Trata-se de uma falácia. Desde o início, as redes sociais foram desenvolvidas com tecnologia sofisticada para promover determinados fluxos de informação – como notícias que causam reação extremada, por exemplo – ou para reunir grupos de interesse ou tribos identitárias. Tudo para expandir o próprio negócio e permitir sua monetização. Empresas querem lucrar, autocratas querem controlar sua população ou acabar com a democracia em países que os ameacem. É simples assim. Nem os criadores do Twitter acreditam mais no sonho libertário original desse aplicativo. Elon Musk, depois de comprá-lo, já está instrumentalizando essa utopia para fins particulares.

Vladimir Putin foi um dos primeiros a perceber o potencial político da nova tecnologia. Donald Trump, um dos maiores beneficiários. Os democratas, com as facas nos dentes, reagiram e tentaram domar as big techs, até hoje sem sucesso. O ponto de inflexão pode ocorrer com a decisão da Corte Suprema dos EUA, que julgará em breve a responsabilidade do Google e do Twitter na difusão de ataques terroristas, ainda que não intencional. É o que provavelmente ocorrerá, restringindo a blindagem jurídica que beneficia essas corporações gigantescas. A proposta não é impedir a livre circulação de ideias, mas submeter as companhias ao controle sobre o conteúdo que promovem ou aos seus espertos algoritmos protegidos sob o argumento de segredo industrial.

O governo ensaia um retrocesso perigoso ao aventar a criação de um órgão de controle que ficaria sob a guarda do Executivo

Esse é o caminho para o qual a Europa se encaminha. E é o espírito do projeto de lei contra as fake news que já está maduro no Congresso, depois de anos de debate. O governo Lula, no entanto, ensaia um retrocesso perigoso ao zerar o jogo recomeçando esse debate e aventando a criação de um órgão que pode ficar sob controle do Executivo para regular as redes. Essa tarefa obviamente não pode ser assumida pelo governo de plantão. Cabe apenas ao Judiciário, com regras claras amplamente debatidas no Parlamento. E a Justiça pode atuar com agilidade, algo que o mundo digital permite.

O INOVADOR CHATGPT

Desde a sua criação, a inteligência artificial tem sido um assunto cada vez mais presente em nossa sociedade. E agora, com a chegada do ChatGPT, esse assunto está ganhando ainda mais destaque. O ChatGPT é uma plataforma baseada em linguagem natural que permite aos usuários conversar com inteligência artificial em tempo real. A origem do ChatGPT se deve ao projeto OpenAI, uma empresa de inteligência artificial fundada por Elon Musk e Sam Altman, com o objetivo de desenvolver tecnologias que possam melhorar a vida humana. Em 2019, a OpenAI lançou o modelo GPT-2 (Generative Pretrained Transformer 2), que foi treinado com milhões de textos da internet para produzir textos autônomos. O sucesso do GPT-2 levou à criação do ChatGPT, que permite aos usuários conversar com inteligência artificial de forma rápida e fácil.

Desde então, o ChatGPT tem sido usado em vários casos reais com resultados surpreendentes. Ele superou pessoas em processos seletivos, escreveu uma redação do Enem em apenas 50 segundos,

O impacto dessa tecnologia na sociedade é imenso. Ela está mudando a forma de como trabalhamos, aprendemos e nos comunicamos

por Ricardo Amorim

Economista

defendeu um réu em tribunal nos Estados Unidos e foi aprovado em um exame de MBA. Estes resultados são apenas alguns exemplos da capacidade do ChatGPT de superar a inteligência humana. O impacto do ChatGPT na sociedade é imenso. Ele está mudando a forma como trabalhamos, aprendemos e até mesmo comunicamos. A capacidade de falar com a IA quando quisermos deixa que os usuários obtenham respostas rápidas e precisas a questões complexas, o que pode ter um impacto positivo em vários setores, como saúde, educação e justiça.

No entanto, com a chegada da nova tecnologia, vêm novos desafios. A principal preocupação é a segurança e privacidade dos dados, já que o ChatGPT é treinado com dados da internet. Além disso, há a questão da ética e responsabilidade, já que a inteligência artificial pode ser usada para fins mal-intencionados. A adaptação à nova tecnologia é fundamental para que possamos aproveitar seu potencial sem prejudicar nossa sociedade. É preciso desenvolver regulamentações eficazes para garantir a segurança e privacidade dos dados, além de educar as pessoas sobre sua utilização adequada. Em um futuro não tão distante, é provável que vejamos ainda mais aplicações para o ChatGPT e outras formas de inteligência artificial. É importante estarmos preparados para acompanhar essa evolução e garantir que a tecnologia seja usada de forma responsável e ética. Estamos na era da IA, e a chegada do ChatGPT é apenas o começo.

PS: Esse texto foi escrito integralmente pelo ChatGPT sem nenhuma edição.

por Marco Antonio Villa

Historiador

FEDERALISMO E DEMOCRACIA

O federalismo tem uma história muito particular no Brasil. Importado da experiência exitosa norte-americana acabou sendo, em diferentes momentos, adotado por diversos países latino-americanos e em todos eles fracassou. Ou levando à secessão ou a longas e desgastantes guerras civis. Vale destacar que no caso norte-americano, o federalismo foi um produto histórico,da formação inicial das treze colônias da América do Norte desde o século XVII. Isso não significa que não tenha passado, no processo independentista, por exemplo, por vários desafios. Mas conseguiu superá-los até os tempos atuais em meio às turbulências que deixariam de cabelo em pé os pais fundadores dos Estados Unidos ou Alexis de Tocqueville e suas reflexões no clássico "A democracia na América."

No caso brasileiro – e isso já está presente no processo independentista – o federalismo é parte importante do debate político. Tivemos particularidades, pois o federalismo foi, em certo momento, defendido por aqueles que desejavam um Brasil republicano e não monárquico. O projeto da elite escravocrata era a manutenção da monarquia tendo à frente D. Pedro I e deixar intocada a questão da base do trabalho, o escravo. A unidade nacional facilitaria a repressão a um eventual movimento ao estilo do Haiti. Sendo assim, a submissão ao Rio de Janeiro – capital imperial – mais que a concordância com o unitarismo estava vinculada aos interesses econômicos de uma elite que resistia às pressões inglesas – e isto desde os tempos de D. João no Brasil – pela abolição do tráfico de escravos até – em médio prazo – à extinção da escravidão.

Com a República, a rápida adesão ao novo regime não causou surpresa, mesmo tendo no País um número escasso de republicanos. A chave está no decreto nº 1 do Governo Provisório que instituiu o federalismo. De Império do Brasil passamos a Estados Unidos do Brasil. O desejo de controlar o poder local foi superior a qualquer identificação com a monarquia, menos ainda devido à simpatia da sucessora do trono – a Princesa Isabel – com o abolicionismo.

Historicamente, o poder local transformou os estados em províncias, uma espécie de capitanias hereditárias

Logo os "mandões locais", como os defina Oliveira Vianna, passaram a transformar os estados – nova denominação das províncias – em espécies de "capitanias hereditárias republicanas". Grupos familiares exerceram o poder durante décadas, mesmo com mudanças no poder central, como a Revolução de 1930, o Estado Novo ou o regime militar. Este é um desafio analítico para compreender historicamente o processo político brasileiro contemporâneo.

Frases

"Pintar é a parte fácil do trabalho. Criar a ideia sobre o que vai ser pintado é mais complexo"

EDUARDO KOBRA, grafiteiro e muralista, a respeito da imagem feita por ele no Hospital das Clínicas, em São Paulo, em homenagem aos profissionais da saúde que atuaram contra à Covid

"APÓS UM ANO DE GUERRA É URGENTE QUE UM GRUPO DE PAÍSES NÃO ENVOLVIDOS COM AS BATALHAS ASSUMA A RESPONSABILIDADE DE ENCAMINHAR UMA NEGOCIAÇÃO PARA ESTABELECER A PAZ"

LULA, presidente do Brasil, sobre o conflito entre Rússia e Ucrânia

"Acabar com o garimpo ilegal é uma determinação do governo federal"

RODRIGO AGOSTINHO, presidente do Ibama, após ataque de garimpeiros à base do órgão, em Roraima

"NÃO FICO MAIS NERVOSA QUANDO TENHO DE CANTAR AO LADO DE CHICO BUARQUE"

MÔNICA SALMASO, cantora

FOTOS: NELSON ALMEIDA/AFP; EDUARDO KNAPP/FOLHAPRESS; ASTRID STAWIARZ/GETTY IMAGES NORTH AMERICA/AFP; NOAM GALAI/GETTY IMAGES NORTH AMERICA/AFP

“ACREDITO QUE A OBRA VÁ CONTRIBUIR PARA ACABAR COM O PRECONCEITO CONTRA AS PESSOAS OBESAS”

BRENDAN FRASER, ator norte-americano, a respeito do filme *A Baleia*, do qual é o protagonista

“EU MORAVA NO MESMO LOCAL EM QUE PERDI MINHA IRMÃ”

ALLAN BRUNO BENICIO DE SIQUEIRA, mecânico e ex-morador da Vila Sahy, no litoral de São Paulo

“HÁ POUCO TEMPO PENSAVA: SOU UMA PESSOA BONITA E FELIZ, NÃO PRECISO DE TERAPIA. MAS, QUANDO CAÍ, PERCEBI O QUANTO É IMPORTANTE TER AJUDA PSICOLÓGICA”

PABLO VITTAR, cantora

“Esse não é apenas o ano de retorno do carnaval. Marca também a volta do Brasil à normalidade”

LEANDRA LEAL, atriz

“O QUE ACONTECE DENTRO DAS UNIDADES PRISIONAIS INTERFERE DIRETAMENTE NA SOCIEDADE. SE AS PESSOAS SAEM MAIS VIOLENTAS DA PRISÃO, ESSA VIOLÊNCIA IMPACTA O COTIDIANO”

KELLY CRISTINA CARVALHO, inspetora de Polícia Penal

“O MESMO ARGUMENTO UTILIZADO PELAS FORÇAS DE SEGURANÇA PARA REPRIMIR O SAMBA NO PASSADO É USADO HOJE PARA CERCEAR O FUNK”

LIRA NETO, escritor

“MEUS FAMILIARES ÀS VEZES ACHAM QUE SÃO ALVOS DE MEUS ROMANCES. MAS ISSO NÃO É VERDADE. AO ESCREVER NÃO FAÇO FOFOCA”

MARYSE CONDÉ, escritora nascida em Guadalupe

“Cancelar discussões sobre o que você não gosta é típico de ditadores”

MARGARET ATWOOD, escritora canadense

por Germano Oliveira

Colaboraram: Marcos Strecker e Dyepeson Martins

Brasil Confidencial

PACIFICAÇÃO Haddad e Campos Neto desfraldaram a bandeira da paz pela harmonia na economia

Haddad une pontes

No começo, houve uma grande desconfiança com o trabalho de **Fernando Haddad** no Ministério da Fazenda, especialmente do mercado financeiro. Depois, o desentendimento foi grande também com **Roberto Campos Neto**. O ministro comprou as brigas de Lula contra as elevadas taxas de juros e o clima azedou. Mas, passados dois meses, Haddad mudou da água para o vinho. Hoje, está se dando às mil maravilhas com o presidente do BC. E não houve apenas uma trégua. Foi bandeira da paz. O ministro concluiu que tanto ele, como Campos Neto, trabalham para estabilizar a economia, reduzir a inflação e a taxa de juros. Ao ponto de ambos terem ido juntos para a reunião do G-20 na Índia no último fim de semana. Os dois uniram esforços para obter créditos internacionais que estimulem a economia.

Inflação

O combate à inflação é um papel dos dois. A disparada no índice não dá sinais de arrefecimento. Economistas vêem IPCA de 6% ao ano, acima do teto da meta, com pressões para continuar alta em 2024 (projeções indicam taxa de 4%). E a corrida nos preços tem dois motivos: medidas inflacionárias de Bolsonaro e falta de rumo da política fiscal.

Juros

Por isso mesmo, tudo indica que a taxa de juros continuará nas nuvens (13,75%), embora Lula não goste. Haddad já se convenceu de que isso não ocorre por culpa de Campos Neto. Os juros só devem começar a cair depois que ele apresentar ao Congresso, em março, a nova âncora fiscal. Deverá haver uma "trava" para a contenção dos gastos públicos.

O veto ao senador

Os trabalhos da Comissão do Senado para investigar a crise dos Yanomami nem começaram e os indígenas já pedem a revisão dos seus integrantes. O veto recai, sobretudo, sobre o presidente da comissão, Chico Rodrigues (PSB-RR), conhecido como o senador do dinheiro na cueca. Mas a restrição não é por isso, e sim por sua posição favorável às políticas pró-garimpo e contra ações de defesa aos povos isolados.

RÁPIDAS

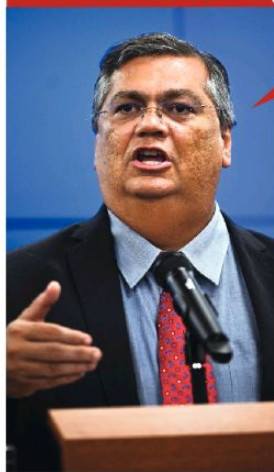
* Se a esquerda não se une nem no câncer, a direita não mantém a união quando o risco é ir para a cadeia. Temendo parar atrás das grades, a deputada Carla Zambelli (PL-SP) mandou um email pedindo arrego a Alexandre de Moraes. Bolsonaro disse que isso era trairagem.

*** Para os que estão desanimados com a possibilidade de Lula escolher seu advogado Cristiano Zanin para a vaga de Ricardo Lewandowski no Supremo, governistas lembram que ainda tem a vaga de Rosa Weber em outubro.**

* O coordenador do MST, João Paulo Rodrigues, queria que Lula escolhesse Rose Rodrigues, ex-secretária de Agricultura do Sergipe, para a presidência do Incra, mas não será ela. O MST fala em "luz amarela" para invasões de terra.

*** Lula vai à China em março e terá uma longa agenda com Xi Jinping. Entre outras coisas, quer que os chineses voltem a importar carne brasileira, operação suspensa por causa da "vaca louca" num rebanho do Pará.**

FOTOS: MATEUS BONOMI/AGIF/FOLHAPRESS); MATHILDE MISSIONEIRO/FOLHAPRESS; MATEUS BONOMI/AGIF/AFP; CARL DE SOUZA/AFP; DIVULGAÇÃO; REPRODUÇÃO; EVARISTO SÁ

RETRATO FALADO

"Resultado trágico e irresponsável da política armamentista de Bolsonaro"

*Após a chacina de Sinop (MT), o ministro **Flávio Dino** deu um recado aos que defendem a flexibilização do acesso a armas: "A matança no Mato Grosso é um resultado trágico e irresponsável da política armamentista". Durante o crime, sete pessoas foram mortas, depois de uma discussão por uma partida de sinuca. Um dos assassinos era bolsonarista e tinha registro de CAC. Dino fala em "tolerância zero" em relação à abertura de diálogo para facilitar o acesso a armamentos no País.*

TOMA LÁ DÁ CÁ

DEPUTADA FEDERAL SILVIA WAIÃPI (PL-AP)

Como a senhora viu a tragédia dos Yanomamis?

Com muita consternação, pois é um problema que se alastra ao longo de vários governos e não deve ser tratado como palanque político partidário.

A senhora acha que a exploração mineral em terras indígenas tem que acabar?

Sou a favor da mineração regular e legal. Tudo aquilo que estiver regular pressupõe não causar prejuízos. Desejo o desenvolvimento econômico dos povos indígenas. Não podemos viver como em 1500.

É favorável a novas demarcações de terras indígenas?

Sou favorável à demarcação com a utilização da terra para o desenvolvimento econômico dos povos indígenas e quilombolas, garantindo acesso à agropecuária, que gere renda e trabalho para os aldeados.

Lula Nobel da Paz?

Nos governos anteriores, Lula tentou ser candidato a Nobel da Paz, e desta vez ele continua obstinado a repetir o feito. Determinou ao chanceler Mauro Vieira empenho no encaminhamento de uma proposta à ONU que almeje a paz na invasão da Ucrânia pela Rússia. O petista se dá bem com Putin e quer usar essa relação para convencer os dois lados a cessarem a guerra. Nesta semana, o brasileiro vai conversar por telefone com Zelensky. Na semana passada, uma proposta brasileira para pôr fim ao conflito chegou ao vice-chanceler russo Mikhail Galuzin. Ele disse que o fato de o Brasil se recusar a fornecer armas para a Ucrânia, apesar das pressões de Biden, é um bom sinal.

Visita a Kiev

O vice-chanceler russo falou que Moscou "tomou nota" sobre as declarações de Lula a respeito de uma provável mediação brasileira para o confronto bélico, mas a ação não está parando por aí. Agora, é o governo ucraniano, via embaixada no Brasil, que deseja uma visita do petista a Kiev. Vai que cola?

O amor é lindo

Eles já foram adversários figadais dentro do PT, mas hoje o amor os uniu e formam o casal mais badalado da elite petista. A presidente nacional da legenda, **Gleisi Hoffmann**, e o deputado **Lindbergh Faria** (PT-RJ), protagonizaram o beijo mais arrebatador no meio da Sapucaí, no Rio de Janeiro, depois que a primeira-dama do PT desfilou pela Portela.

Briga por liderança

Gleisi e Lindbergh sempre disputaram cargos na direção partidária, desde que ela deixou o governo Lula 2 e se elegeu senadora. Em 2017, por exemplo, os dois queriam ser presidentes da legenda. Depois, brigaram pela liderança do PT no Senado. Lindbergh acabou vencendo a disputa, mas Gleisi deu o troco e ficou com a presidência nacional da sigla.

O Brasil não é para os fracos

Como todo mundo sabe, o Fundo Partidário é dinheiro público. Para este ano, a União vai destinar R$ 1,1 bilhão para os partidos. E quem vai embolsar mais é o PL de Valdemar Costa Neto, com R$ 213 milhões. Em segundo lugar vem o PT, com R$ 157 milhões. O União Brasil, de Bivar, fica com R$ 124 milhões, e o PP, de Lira e Ciro Nogueira, vem em seguida com R$ 104 milhões.

Coluna do Mazzini

NO AR, A FALTA DE SINTONIA

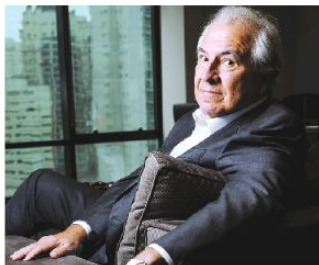
O ministro das Comunicações, José Juscelino Rezende (União Brasil), sofre fogo-amigo na Esplanada e está sendo isolado dentro do Governo nos debates sobre o Projeto de Lei 2.630, conhecido como "PL das Fake News". A verdade é que o PT não engole que o presidente Lula da Silva tenha entregado ao aliado a pasta que estava prometida para o deputado federal Paulo Teixeira (PT-SP), onde dominaria o diretório paulista. O problema é que o Governo aposta nesse projeto para aprovar duas medidas de combate às violações ao Estado Democrático de Direito na internet. E sem votos do União Brasil – partido do ministro e com forte bancada no Congresso – não será simples. O ministro e seus diretores nas Comunicações entendem que deveriam ao menos estar na mesa de conversas, mas conota entre os pares do neoaliado UB que o PT repete neste Governo o que fez nos demais: A presidente do partido, Gleisi Hoffmann, quer fidelidade absoluta dos aliados com cargos, mas esses se sentem tratados como adversários.

Juscelino, do União Brasil, sofre resistências do PT, que almejava controlar o Ministério das Comunicações. A desconfiança prejudica o Governo

Ferrogrão descarrila no projeto

A presidente do STF, Rosa Weber, agendou para 31 de maio a votação que pode destravar o projeto da Ferrogrão, ferrovia cujo traçado Amazônia adentro ligaria Mato Grosso ao Pará. Suspenso pelo ministro Alexandre de Moraes em 2021, o projeto é cercado de polêmicas, como as do impacto que causaria em 48 territórios indígenas (nas regiões do Médio e Alto Tapajós e no Xingu). Enquanto parlamentares ruralistas pressionam para a as obras da esperada ferrovia, há uma oposição ferrenha de ambientalistas do Brasil, e de representações indígenas – como a ministra dos povos indígenas, Sonia Guajajara, e da presidente da Funai, Joenia Wapichana.

Em busca da concessão

Maior investimento do empresário Rubens Menin fora da construção civil, a CNN Brasil avançou para o sinal aberto, mas há no Ministério das Comunicações quem questione a operação. O sinal entrou na banda KU (as "mini-antenas" parabólicas), porém o canal não tem ainda a concessão de radiodifusão de sons e imagens como as concorrentes. A conferir.

Colisão política na pista

O governador do Paraná, Ratinho Junior, reuniu-se nesta quinta (2) com ministro dos Transportes, Renan Filho, para tratar do modelo de concessão de pedágios nas rodovias do Estado. Os petistas, liderados pela deputada Gleisi Hoffmann, querem mudar o modelo de menor preço no lance do leilão para o de tarifa de manutenção, como no Governo Dilma Roussef. O deputado Filipe Barros (PL) vai apresentar o pedido para retirar as estradas estaduais dos lotes – incluídas por Ratinho em 2022 – e deixar apenas as rodovias federais que cortam o Paraná, como era anteriormente nas gestões denunciadas pelo MPF na Lava Jato.

FOTOS: CLAUDIO BELLI/VALOR; AEN/PR; RUBENS CHAVES/FOLHAPRESS

por Leandro Mazzini

Colaboraram: equipe de Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo

Uma onda especulativa em Trancoso

Ambientalistas e moradores de Trancoso, balneário no litoral Sul de Porto Seguro, na Bahia, estão preocupados com o futuro do paraíso. As praias da região têm o diferencial em relação a outras do País: sem ruas, sem calçadas e aonde não chegam carros. Mas a onda especulativa imobiliária está varrendo a calmaria. Há anúncios para mais três novos condomínios na região da Praia do Espelho – considerada uma das mais belas do Brasil. A Praia dos Nativos virou caso de polícia. Moradores acusam um empreendimento de destruir parte da restinga e avançar para as margens do rio que deságua ali.

Salles dá cargos a ex-assessores

Ricardo Salles (PL-SP), ex-ministro do Meio Ambiente e agora deputado federal, não se contentou em levar para o gabinete na Câmara um assessor ainda investigado na Corregedoria da pasta que comandou. Empregou também a recém-aposentada no ministério Djanira Gouveia, sua ex-secretária.

Mayday na burocracia

Pilotos do Distrito Federal e Goiás reclamam de longa espera para a renovação das habilitações no processo junto à Agência Nacional de Aviação Civil, que instalou um novo sistema que tem travado demandas. A turma do manche reclama, em especial, da demora da licença de mais de um mês após pagar a taxa da Guia de Recolhimento da União.

Amor à causa

A lupa na Esplanada é minuciosa para derrubar "armadilhas" de Bolsonaro – que tentou "dar vida longa" a aliados com bom salários. Os comissionados da Era Lula III reclamam que há dois meses trabalham de graça. E não existe salário retroativo após a nomeação. Há famílias inteiras que se mudaram para Brasília esperando uma vaga.

NOS BASTIDORES

Banco do conservador

Com a aparição do LeftBank, um grupo de empresários de ideologia conservadora viu um filão e vai lançar o banco para turma da direita. Estreia em março o digital Pátria.

Questão de moralidade

Tem gente no MP de olho nos honorários milionários das bancas que defendem prefeituras em indenizações contra a Samarco e Vale. Os ganhos incomodam: é dinheiro que poderia ajudar mais os prejudicados.

Sonho do parque verde

A mineradora Vale sonha com um grande parque ecológico no entorno de suas minas na serra de Brumadinho, onde ocorreu a tragédia do rompimento da barragem que matou 200 pessoas. Mas encontra resistência de alguns fazendeiros. E paga-se muito bem.

Arrastapé oficial

Após colegas criarem a Frente do Carro Flex, da Beleza & Bem Estar e do Bambu, a deputada Lídice da Mata (PSB-BA) quer lançar a Frente Somos Todos pelo Forró. A sua Bahia é das pioneiras no ritmo.

Semana

por Antonio Carlos Prado e Fernando Lavieri

INOVADORA
Clarice: terceira fase do modernismo

CULTURA

Ucranianos vão ler a "pernambucana" Clarice

Clarice Lispector, uma das principais escritoras brasileiras, nasceu na Ucrânia em 1920. A sua família, dois anos depois, fugindo da guerra civil na Rússia e da perseguição a judeus, veio para o Brasil — primeiro Maceió, depois Recife, finalmente Rio de Janeiro. Já adulta, ela costumava dizer: "sou pernambucana". **E se lhe afirmavam, "mas você nasceu na Ucrânia", Clarice retorquia: "lá só vivi pequenininha; nunca pisei o chão, eu era de colo"**. Agora, o seu melhor livro teve versão lançada na Ucrânia, em plena guerra contra o totalitário Vladimir Putin. Intitula-se *A Paixão segundo G.H.* Trata-se de um mergulho psicológico na alma de uma mulher que se despersonifica ao encontrar e esmagar uma barata em seu guarda-roupa. **Cada frase que encerra um capítulo abre o seguinte, mesclando interrupção com continuidade — e tirando o fôlego de quem acompanha a história**. Ou seja: consegue ela, dessa forma, fazer com que o leitor, a partir de seu próprio universo psíquico, sinta a aflição da personagem. A "pernambucana", para glória do Brasil, em forma de livro está em chão ucraniano. Ela morreu em 1977 no Rio de Janeiro.

TERRA MÃE
Versão na Ucrânia de *A Paixão segundo G.H.*: intimismo

RELIGIÃO

Vaticano consagrará outro santo do Brasil

Como vem ocorrendo nos últimos tempos, na semana passada o papa Francisco deu outro passo para que mais um religioso brasileiro caminhe para a canonização. Trata-se do padre Aloísio Sebastião Boeing, que se tornou "venerável" (era "servo de Deus"). Agora é necessária a comprovação de dois milagres que tenham ocorrido pela interseção de Aloísio. Ele nasceu na véspera de Natal de 1913, na cidade catarinense de São Martinho, e faleceu em 2006. ***Integrou a Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus. Foi um dos principais incentivadores da criação de ordens femininas****, a exemplo da Fraternidade Mariana do Coração de Jesus.*

VENERÁVEL Padre Aloísio: Incentivador da criação de ordens femininas

37
é o número de santos brasileiros. E há **51** beatos rumo à canonização

FOTOS: DIVULGAÇÃO/EDITORA ROCCO; REPRODUÇÃO

FELICIDADE Alcione e crianças em situação de vulnerabilidade atendidas pelo projeto Amigos do Bem: madrinha do sertão nordestino

HOMENAGEM

Alcione Albanesi receberá prêmio da Câmara de Comércio Brasil-Estados Unidos

Cerca de 300 povoados e comunidades do sertão de Pernambuco, Alagoas e Ceará têm há 30 anos uma madrinha. Seu nome: Alcione Albanesi. Ela é fundadora, presidente e voluntária do projeto Amigos do Bem, que mensalmente melhora a vida de aproximadamente 150 mil pessoas nessas regiões, impactando milhões de famílias que historicamente sobrevivem em situação de vulnerabilidade econômica, financeira e social. Nada mais justo e merecido, portanto, que **Alcione seja homenageada. E o será no próximo dia 10 de maio: Alcione receberá, em nome do Amigos do Bem, o prêmio Social Responsability Awards, no evento Person of The Year Awards Gala Dinner/2023. Trata-se de premiação promovida pela Câmara de Comércio Brasil-Estados Unidos**. Como todos aqueles que atuam de corpo e alma na mitigação da miserabilidade do sertão nordestino, Alcione trabalha em silêncio, distante de holofotes. Também por isso o prêmio cresce em importância: um dia, em longínquo passado, ela abriu mão de toda a fortuna que possuía como empresária para se dedicar aos pobres dos sertões. **O trabalho de Alcione com os Amigos do Bem ergueu quatro centros de transformação nos quais dez mil crianças e jovens participam de atividades culturais e educativas. Mais: há fábricas de beneficiamento de castanhas e produção de doces, oficinas de costura, artesanato e praças digitais. O Brasil e o sertão nordestino, em especial, te aplaudem madrinha nessa premiação.**

A renda proveniente da venda de produtos totalmente solidários com o projeto Amigos do Bem é investida no próprio trabalho da entidade

FOTO: DIVULGAÇÃO

FUNDADOR
DOMINGO ALZUGARAY (1932-2017)
EDITORA
Catia Alzugaray
PRESIDENTE EXECUTIVO
Caco Alzugaray

DIRETOR EDITORIAL
Carlos José Marques

DIRETORES
DE REDAÇÃO: Germano Oliveira **DE EDIÇÃO:** Antonio Carlos Prado
REDATOR-CHEFE: Marcos Strecker

EDITORES: Dyepeson Martins (Brasília), Felipe Machado e Thales de Menezes
REPORTAGEM: Ana Mosquera, Denise Mirás, Elba Kriss, Fernando Lavieri, Gabriela Rölke, Mirela Luiz e Carlos Eduardo Fraga (estagiário)
COLUNISTAS E COLABORADORES: Bolívar Lamounier, Cristiano Noronha, Elvira Cançada, José Manuel Diogo, José Vicente, Luiz Fernando Prudente do Amaral, Marco Antonio Villa, Mentor Neto, Rachel Sheherazade, Ricardo Amorim, Ricardo Kertzman e Rosane Borges

ARTE
DIRETORA DE ARTE: Renata Maneschy
EDITOR DE ARTE: Arthur Fajardo
DESIGNERS: Alexandre Souza, Claudia Ranzini e Wagner Rodrigues
INFOGRAFISTA: Nilson Cardoso

ISTOÉ ONLINE: Diretor: Hélio Gomes
Editor executivo: Edson Franco
Editor: André Cardozo
Editores-assistentes: André Ruoco e Heitor Pires
Reportagem: Alan Rodrigues, Carlos Carvalho, Cristiani Dias, Ingrid Rodrigues, Larissa Pereira, Leticia Sena, Mariana Stocco, Natália Ferreira e Vinícius Silva
Web Design: Alinne Souza Correa e Thais Rodrigues Ferreira Fernandes

AGÊNCIA ISTOÉ: Editor: Frédéric Jean
Pesquisa: Bruno Fortuna e Salvador Oliveira Santos
Arquivo: Eduardo A. Conceição Cruz

CTI: Silvio Paulino e Wesley Rocha

APOIO ADMINISTRATIVO
Gerente: Maria Amélia Scarcello **Secretária:** Terezinha Scarparo
Assistente: Cláudio Monteiro
Auxiliar: Eli Alves

MERCADO LEITOR E LOGÍSTICA
Diretor: Edgardo A. Zabala

Gerente Geral de Venda Avulsa e Logística: Yuko Lenie Tahan

Central de Atendimento ao Assinante: (11) 3618-4566
de 2ª a 6ª feira das 10h às 16h20. Sábado das 9h às 15h.
Outras capitais: 4002-7334
Outras localidades: 0800-8882111 (exceto ligações de celulares)
Assine: www.assine3.com.br
Exemplar avulso: www.shopping3.com.br

PUBLICIDADE
Diretor nacional: Mauricio Arbex **Secretária da diretoria de publicidade:** Regina Oliveira **Diretora de Marketing e Projetos:** Isabel Povineli **Assistente:** Valéria Esbano **Gerente executivo:** Andréa Pezzuto **Diretor de Arte:** Pedro Roberto de Oliveira **Coordenadora:** Rose Dias **Contato:** publicidade@editora3.com.br **ARACAJU – SE:** Pedro Amarante · Gabinete de Midia · **Tel.:** (79) 3246-w4139 / 99978-8962 – **BELÉM – PA:** Glícia Diocesano · Dandara Representações · **Tel.:** (91) 3242-3367 / 98125-2751 – **BELO HORIZONTE – MG:** Célia Maria de Oliveira · 1a Página Publicidade Ltda. · **Tel./fax:** (31) 3291-6751 / 99983-1783 – **CAMPINAS – SP:** Wagner Medeiros · Wem Comunicação ·
Tel.: (19) 98238-8808 – **FORTALEZA – CE:** Leonardo Holanda – Nordeste MKT Empresarial – **Tel.:** (85) 98832-2367 / 3038-2038 – **GOIÂNIA–GO:** Paula Centini de Faria – Centini Comunicação – Tel. (62) 3624-5570/ (62) 99221-5575 – **PORTO ALEGRE – RS:** Roberto Gianoni, Lucas Pontes · RR Gianoni Comércio & Representações Ltda · **Tel./fax:** (51) 3388-7712 / 99309-1626 – **INTERNACIONAL:** Gilmar de Souza Faria · GSF Representações de Veiculos de Comunicações Ltda ·
Tel.: 55 (11) 99163-3062

ISTOÉ (ISSN 0104 - 3943) é uma publicação semanal da Três Editorial Ltda. **Redação e Administração:** Rua William Speers, 1.088, São Paulo – SP, CEP: 05065-011. **Tel.:** (11) 3618-4200 – **Fax da Redação:** (11) 3618-4324. São Paulo – SP. Istoé não se responsabiliza por conceitos emitidos nos artigos assinados. **Comercialização:** Três Comércio de Publicações Ltda, Rua William Speers, 1212, São Paulo – SP.
Impressão: D'Arthy Editora e Gráfica – R. Osasco, 1086 – Guaturinho, CEP: 07750-000 – Cajamar – SP

ANER
www.aner.org.br

EXCLUSIVO

VITORIOSO Fernando Haddad diz que o "plano de recuperação fiscal está mantido"

Barreira contra o populismo

Ministro da Fazenda obtém **vitória parcial contra petistas** que tentam fritá-lo e mantém, por ora, a meta de **diminuição do déficit** e a **volta do imposto sobre os combustíveis,** uma iniciativa socialmente justa e economicamente correta. Mas **Fernando Haddad** ainda precisa provar que conseguirá **impedir a volta das políticas irresponsáveis**

Germano Oliveira, Marcos Strecker e Mirela Luiz

O posto de ministro da Fazenda não é para fracos. Nas últimas décadas, a pasta virou uma prova de fogo. Dois titulares que conseguiram fazer a diferença e estabelecer políticas duradouras de crescimento tiveram o apoio decisivo do mandatário para isso: Pedro Malan, nos anos 1990, e Antonio Palocci, no primeiro mandato de Lula. Mas o petista não parece disposto a repetir o voto de confiança com Fernando Haddad, que tem lutado contra o próprio partido para manter seu compromisso com a responsabilidade fiscal – única forma de domar a inflação e permitir a queda dos juros.

Haddad já tinha sido desautorizado pelo presidente na virada do ano, quando tentou reverter sem sucesso uma das medidas mais escandalosas de Jair Bolsonaro: a eliminação de impostos sobre combustíveis para abaixar artificialmente a inflação na reta final das eleições. Mas o PT e o chefe do Executivo não quiseram inaugurar a nova gestão com um tarifaço impopular e adiaram a decisão por dois meses. Desta vez, Haddad não aceitou. Falou ao presidente que não iria concordar com mais um adiamento, que colocaria em risco sua credibilidade e jogaria por terra um compromisso assumido no dia 12 de janeiro. Nessa ocasião, ele anunciou o plano para diminuir o déficit fiscal neste ano de 2,3% do PIB para menos de 1%. Para manter essa meta, seria necessário arrecadar R$ 28,9 bilhões com a volta da taxação.

O objetivo foi mantido, mas exigiu muita criatividade. O PIS e o Cofins, zerados há oito meses, vão voltar parcialmente e fazer o litro de gasolina subir R$ 0,47. O litro de álcool, R$ 0,02. Ao mesmo tempo, a Petrobras anunciou uma redução de 3,93% no valor da gasolina para as distribuidoras (R$ 0,13 por litro), o que levará o aumento nas bombas para R$ 0,34 por litro (esse acréscimo poderia chegar a R$ 0,89, se houvesse uma reoneração total). O argumento foi que, no momento, a defasagem entre o preço internacional e o doméstico do combustível permitia essa redução (a petroleira teria um "colchão" para ser usado, nas palavras de Haddad). Ou seja, na prática, a estatal foi usada para amenizar o impacto, o que traz à memória os tempos de intervenção que quase quebraram a companhia. Além disso, foi criado um imposto provisório para a exportação de óleo cru de 9,2%, o que também vai afetar as contas da Petrobras. E essa novidade é um péssimo sinal para os investidores. A taxação desrespeita a regulação, traz insegurança jurídica e é uma medida que já se provou danosa na Argentina, onde ajudou a afundar a economia. O casuísmo era defendido pelo novo presidente da Petrobras, Jean Paul Prates, que conseguiu impô-lo contra a vontade de Haddad. Previsto para durar quatro meses, pode se eternizar, temem os economistas.

São na verdade gambiarras econômicas para evitar as más notícias: será necessário um sacrifício para reorganizar as contas públicas. É essa a bandeira de Haddad. Ele procura reproduzir a política do primeiro governo Lula, que mostrou disciplina fiscal contra a tentação eleitoreira de expandir os gastos ou intervir artificialmente nos preços administrados. Isso gerou crescimento sustentado e altos índices de popularidade após oito anos, apesar da tensão inicial. Henrique Meirelles, presidente do Banco Central na época, contou com o apoio de Lula para garantir essa política. Hoje, ele elogia a atuação do atual ministro da Fazenda: "As possibilidades de Haddad prevalecer são substanciais. Ele tem a confiança do presidente. Acredito que está indo no caminho certo".

Mas esse respaldo não parece irrestrito. E certamente falta no círculo de apoiadores mais próximos de Lula. A presidente do PT, Gleisi Hoffmann, liderou as críticas à reoneração dos combustíveis e é uma conhecida rival de Haddad. E

FOTO: GABRIELA BILÓ/ESTADÃO CONTEÚDO

ela nem é a maior dor de cabeça do ministro. É um segredo de polichinelo que o presidente do BNDES, Aloizio Mercadante, cobiça a vaga do titular da Fazenda. Mercadante até providenciou uma comissão no banco para debater o novo arcabouço fiscal, atravessando a delicada e trabalhosa proposta em elaboração pela equipe do colega. Haddad permanece à mercê do fogo amigo petista. Ironicamente, o mercado desconfiava dele quando foi indicado para comandar a Economia. Hoje, o setor produtivo conta principalmente com ele para que o governo não volte à farra orçamentária da era dilmista.

Tudo depende das intenções de Lula, que, até agora, parece inclinado a reproduzir a política econômica de sua antecessora, apesar do seu conhecido faro político. "O Fernando Haddad está lá para fazer o que o Lula quiser. Nesse cabo de guerra com a Gleisi Hoffmann, ele vai ganhar algumas, mas acho que vai perder a maioria, porque não é esse o programa que está na cabeça do presidente", alerta Alexandre Schwartsman, ex-diretor de Assuntos Internacionais do Banco Central. "Haddad está imbuído do cargo e pressionado pelos pares do PT-raiz por algo que sabe que pode dar errado. Lula lança frases, colhe respostas e as analisa. Sabe ouvir. É uma prática antiga e pragmática", pondera Horácio Lafer Piva, ex-presidente da Fiesp.

ANÚNCIO Haddad confirma a volta do imposto sobre combusíveis na quarta-feira

Por enquanto, Lula não tem poupado sua artilharia. As repetidas críticas ao presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto, e às taxas de juros têm diminuído a confiança na queda da inflação e pressionado a alta do dólar. Nada disso ajuda seu ministro da Fazenda. Já Haddad costura uma relação harmoniosa com Campos e lembrou que a reoneração dos combustíveis vai ajudar o Banco Central a baixar a Selic. Defendeu que a medida não é inflacionária, ao contrário do que os petistas mais exaltados espalharam. Com ele concordam nomes como Marcos Lisboa, presidente do Insper e ex-secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda entre 2003 e 2005: "Não se combate inflação com medidas de redução de tributos. Isso não resolve o problema de fundo, só cria um

"QUEREMOS EVITAR DISTORÇÕES TRIBUTÁRIAS"

Em entrevista á **ISTOÉ,** Fernando Haddad diz que volta do imposto do combustível corrige uma ação tomada com interesses eleitorais e diz que nova âncora fiscal já está desenhada e vai trazer previsibilidade às contas públicas, mas não engessamento

A reoneração parcial da gasolina e do álcool foi uma vitória da sua gestão no Ministério?

Não é uma vitória, nem uma derrota. É apenas o realinhamento da tributação no setor, corrigindo uma decisão tomada no ano passado que, embora tenha ajudado a conter a alta da inflação, teve clara intenção eleitoral, gerando desequilíbrios que teriam de ser resolvidos inevitavelmente no começo deste ano. Uma herança complicada, mas que está sendo resolvida agora, com equilíbrio.

Como o sr. vê a ação da ala política do governo que desejava manter a isenção dos impostos?

Todo esse debate sobre a tributação foi realizado com calma, sem atrasos, mas também sem afobamentos, com consultas a todos os agentes, inclusive às diversas alas políticas, que representam parcelas da sociedade. Prova disso é o fato de que, no início do governo, o presidente Lula prorrogou, até 28 de fevereiro, a

FOTOS: TON MOLINA/FOTOARENA/ESTADÃO CONTEÚDO; ADRIANO MACHADO/REUTERS; UESLEI MARCELINO/ REUTERS

alívio de curto prazo, cobrando um preço depois. A desoneração foi uma típica medida populista que custará muito caro para o País mais tarde".

CUSTO POLÍTICO

Haddad contraria setores do governo que temiam o custo político do reajuste e veem risco de retração da atividade econômica. Com a taxa Selic em 13,75% e uma possível crise de crédito, não seria a hora de priorizar a diminuição do déficit. Para essa ala, o ajuste precisaria ser gradual para não ameaçar a popularidade do presidente ou abrir espaço para a oposição. O ministro, por outro lado, preocupa-se com o controle de gastos para preservar a estabilidade. Conta para o sucesso do governo com medidas já anunciadas, como o aumento do salário mínimo, a isenção do Imposto de Renda para quem recebe até R$ 2.640 e o programa de negociação de dívidas, o Desenrola, que será anunciado em breve. Sua nova proposta de âncora fiscal, que substituirá o teto de gastos, é a grande aposta para consolidar o apoio do setor produtivo e dos investidores.

"O Fernando Haddad entendeu que precisa dançar conforme a música. Ele fez a leitura do cenário econômico de uma forma muito inteligente. Entendeu que precisa ter o mercado do lado dele", avalia Juliana Inhaz Kessler, professora do Insper. Ela aponta que o governo tinha uma necessidade imensa de recursos por conta das promessas de campanha. Ao reonerar os combustíveis, o ministro ganha a confiança dos agentes econômicos que se preocuparam com o aumento de gastos em medidas como a PEC da Transição. O cientista político Marco Antônio Teixeira lembra que o titular da Fazenda navega em águas "absolutamente instáveis", já que carrega a herança do governo Bolsonaro e precisa lidar com o déficit fiscal e combater a inflação. As brigas são naturais. "Isso enfraquece o Haddad? Possivelmente sim, mas dificilmente um ministro da Economia terá seus pleitos atendidos inteiramente. Nem o Paulo Guedes conseguiu isso na maioria das vezes", defende. Pode ser,

"Reonerar os combustíveis agora é penalizar o consumidor, gerar mais inflação e descumprir compromisso de campanha"

Gleisi Hoffmann, presidente do PT

CRÍTICOS Gleisi Hoffmann e Aloizio Mercadante são os maiores rivais de Haddad no PT

desoneração dos impostos federais que incidem sobre a gasolina, o álcool, o querosene de aviação e o gás natural veicular. Sem essa decisão, a volta da tributação teria acontecido bem mais cedo. A solução construída foi a mais equilibrada.

Aumentar mais as alíquotas da gasolina, em detrimento do álcool, é uma forma de favorecer a transição energética? Há planos para essa transição energética?

Sustentabilidade ambiental é peça-chave na nova economia mundial e, nesse cenário, o Brasil tem posição privilegiada pelo potencial de geração de energia limpa. Dar maior competitividade ao álcool, muito menos poluente que a gasolina, faz parte da estratégia de fortalecer o compromisso do Brasil com a agenda ESG, com boas práticas ambientais, sociais e de governança. A transição energética já está acontecendo. O Brasil iniciou 2023 com quase 54% da energia elétrica produzida por hidrelétricas e 13% por eólicas. Dados da Aneel mostram que, do total em operação, mais de 83% das usinas são impulsionadas por fontes consideradas sustentáveis, com baixa emissão de gases do efeito estufa. Vamos acelerar esse processo.

Com a reoneração dos combustíveis, o plano do sr. de diminuir o déficit fiscal de 2023 de 2,3% do PIB para menos de 1% fica mantido?

Trabalhamos com absoluta transparência. Apresentamos o nosso plano de recuperação fiscal em 12 de janeiro. Os objetivos e estratégias foram divulgados e estão mantidos. Queremos reduzir a litigiosidade fiscal e evitar distorções tributárias, com foco na recuperação das contas públicas do País. E isso não depende apenas da tributação dos combustíveis. A Reforma Tributária é essencial e está avançando, em parceria e amplo debate com ▶

REMARCAÇÃO Posto na zona leste de São Paulo reajusta preços na terça à noite

mas, nos anos 2000, Palocci e Meirelles contaram com o apoio sólido de Lula para manter a política fiscal e monetária. Nos anos 1990, Pedro Malan também contou decisivamente com FHC para superar vários embates contra seus rivais, como o então ministro do Planejamento, José Serra, e o titular do Desenvolvimento, Clóvis Carvalho, que deixou o governo depois de trombar com o colega. Era a guerra entre as alas "desenvolvimentista" e "monetarista".

No segundo mandato de Lula, Guido Mantega passou a contar com o apoio irrestrito de Lula e, depois, de Dilma Rousseff. Promoveu uma guinada na economia com a "nova matriz econômica". Essa política imprimiu forte intervenção estatal, quebrou os contratos no setor energético, tabelou preços públicos e reduziu artificialmente as taxas básicas de juros. Apenas quando esse projeto temerário levou o País à maior recessão da história Dilma trocou seu czar econômico por Joaquim Levy. Mas o novo titular, famoso pela prudência fiscal, foi atacado pelo PT e desautorizado pela própria presidente. No atual governo a situação não é tão grave, mas inspira preocupação. Haddad rema contra a corrente e está sendo obrigado a lutar em várias frentes. Pelo menos conta com o apoio da colega do Planejamento, Simone Tebet, que nunca foi popular entre os petistas e tem agido de forma discreta para evitar saídas fáceis e demagógicas na economia que agradem à militância. "O governo fez o dever de casa", disse ela sobre a batalha vencida com o retorno do imposto dos combustíveis. Mas as velhas práticas que corroem a credibilidade da gestão estão presentes, como os embates estéreis

os parlamentares, com PECs que já estão tramitando na Câmara e no Senado. É essencial porque, além de simplificar o sistema de arrecadação e reduzir desigualdades, pois deixa de cobrar mais de quem ganha menos, vai ampliar o potencial de crescimento do País. E maior crescimento significa mais renda, emprego, respeito aos brasileiros e, consequentemente, maior arrecadação e retorno mais rápido ao equilíbrio das contas públicas.

A inflação dá sinais de se manter pressionada, como mostra o último boletim Focus. O sr. acha que existe espaço para o Banco Central abaixar a Selic?

A inflação não é um problema apenas do Banco Central, nem só do Ministério da Fazenda ou do governo. É um problema, principalmente, para os brasileiros. Os juros básicos atuais, de 13,75% ao ano, criam dificuldades para a economia crescer e ampliam o déficit nominal do governo. Mais uma vez, assim como no caso da tributação dos combustíveis, digo que a solução está no equilíbrio e isso está sendo construído. Por parte do Ministério da Fazenda, as medidas fiscais apresentadas até agora estão na direção correta, com capacidade de reduzir as pressões sobre os juros. Isso foi reconhecido, inclusive, pelo BC e pelo mercado.

O sr. prometeu o projeto de nova âncora fiscal até março. Haverá "travas" para aumento de despesas públicas?

O mais importante nesse debate é construir algo com mais eficiência que o teto de gastos, sistema que estava prejudicando o País. O desenho do mecanismo está quase concluído, mas não fechado. Mas, é essencial ressaltar que previsibilidade não é engessamento. São coisas

FOTOS: MARCO ANKOSQUI; ETTORE CHIEREGUINI/AGIF/FOLHAPRESS

entre a "ala política" e a "ala técnica" do governo ou a fritura de ministros. Gleisi Hoffmann tuitou suas críticas à reoneração dos combustíveis enquanto Haddad voltava de uma reunião do G20 na Índia, o que o surpreendeu. Ela, aliás, era a vocal ministra da Casa Civil que liderou o governo Dilma até o colapso.

CONGRESSO

No entorno de Lula, a atual disputa é encarada como mais uma prova de esperteza política. O presidente ganha ao estimular o dissenso e, no final, ter a palavra final sobre os conflitos na equipe. Mas, dependendo da forma como arbitrar as disputas, ele pode enfraquecer demais seu ministro e comprometer, no fim, a própria gestão. Além da crise em seu próprio quintal, o mandatário precisa angariar apoio no Congresso, onde não tem maioria — ao contrário do seu primeiro mandato, quando chegou a contar com mais de 400 deputados em sua base. Uma matéria de grande interesse para Haddad, a Medida Provisória que restabelece o voto de qualidade no Carf, corre o risco real de ser rejeitada na Câmara. Isso dificultaria o objetivo de diminuir o déficit. A própria MP da reoneração gradual corre o risco de ser derrotada. E o governo precisará de muita articulação para avançar na Reforma Tributária, que por natureza vai desagradar entes federativos, interesses regionais e contrariar poderosos setores da economia. Depois de um começo de gestão atribulado, o ministro saiu vitorioso ao aprovar uma medida politicamente delicada e economicamente correta. Ganhou uma batalha, mas a guerra ainda está por ser vencida. ■

APOIO Haddad com Josué Gomes (dir.) e empresários na Fiesp, em 30 de janeiro

Colaborou Dyepeson Martins

diferentes. No engessamento atual, mesmo que haja uma aceleração do crescimento e da arrecadação, não podemos transformar esse resultado em ações que melhorem o bem-estar da população. Isso tem de acabar.

O sr. pode adiantar alguns detalhes do Desenrola, plano para os endividados? Já tem data de lançamento?

A ideia é tirar a pressão que o endividamento provoca, hoje em dia, sobre as famílias inadimplentes de baixa renda, fator que reduz o consumo e, por consequência, desacelera o crescimento. Temos 70 milhões de CPFs negativados, desses, 50 milhões são de população de zero a dois salários mínimos. É um público que hoje não tem força para, sozinho, reequilibrar as suas contas. Por isso a importância de um programa oficial para ajudar essas famílias e também pequenas empresas a saírem desse endividamento profundo, que paralisa. Foi por isso que já foi encerrada a concessão de crédito consignado no Bolsa Família, outra medida lançada no meio da campanha eleitoral do ano passado, e que acabou minando as finanças de pessoas que já ganham pouco. Os detalhes finais do Desenrola estão sendo discutidos diretamente com o presidente Lula. O programa será lançado dentro de pouco tempo. Os bancos públicos especialmente terão papel fundamental na execução.

"A inflação não é um problema apenas do Banco Central, nem só do Ministério da Fazenda ou do governo. É um problema, principalmente, para os brasileiros"

Quem tem medo de CPI?

Governistas trabalharam para esvaziar a CPI dos Atos Golpistas quando poderiam ter assumido o comando da comissão e garantido a blindagem do governo. Agora, o Planalto terá que lidar com uma investigação orquestrada pela oposição

Gabriela Rölke

“Eu não vejo sentido. Uma CPI seria apenas uma comissão de acompanhamento. É chover no molhado. A investigação já foi feita”
Jaques Wagner (PT-BA), líder do governo no Senado

Uma CPI a gente sabe como começa, mas não como termina, diz o famoso axioma atribuído a Ulysses Guimarães (1916-1992). Mas se um governo não tem como saber como vai terminar uma Comissão Parlamentar de Inquérito, tanto pior se ela estiver sob o controle da oposição. E é o que está se prenunciando. Capitaneados pelo deputado bolsonarista André Fernandes (PL-CE), 189 deputados e 33 senadores assinaram o pedido de abertura de uma Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI), no Congresso, para investigar a depredação dos prédios dos Três Poderes em 8 de janeiro. Os oposicionistas pretendem utilizar a investigação para tentar jogar no colo do governo Lula a responsabilidade pelo que aconteceu, ao não tomar medidas preventivas para evitar os ataques, e, assim, desviar o foco dos verdadeiros responsáveis pelos atos de vandalismo – autores intelectuais, financiadores, incentivadores e executores, todos bolsonaristas.

A oposição alega que Flavio Dino, ministro da Justiça, teria sido intencionalmente omisso por não ter providenciado o bloqueio de estradas ou o refor-

FOTOS: ALESSANDRO SHINODA/FOLHAPRESS; ADRIANO MACHADO/REUTERS

ço do policiamento. Faz parte dessa estratégia também desacreditar o trabalho do Supremo Tribunal Federal (STF), responsável pelas investigações dos atos golpistas e que mantém 767 pessoas presas por envolvimento no episódio. O próprio André Fernandes, que protocolou o pedido de abertura da CPMI, é alvo de um inquérito na Corte por instigar os atos criminosos. A iniciativa dele foi comemorada por parlamentares como Carla Zambelli e Eduardo Bolsonaro, todos do PL.

A CPMI surge em meio ao vai-não-vai da CPI dos Atos Golpistas do Senado, protocolada há quase dois meses pela senadora Soraya Thronicke (União Brasil-MS) e que num primeiro momento contou com o apoio de governistas como Randolfe Rodrigues (Rede-AP), líder do governo no Congresso, e Fabiano Contarato (PT-ES), líder do partido do presidente no Senado. O presidente da Casa, Rodrigo Pacheco, disse na terça-feira, 28, que, como as assinaturas foram colhidas em janeiro, ainda na legislatura passada, será necessário que elas sejam ratificadas, mas os senadores governistas não devem fazê-lo, já que o Palácio do Planalto é contra. Não deve vingar, portanto — são necessárias 27 assinaturas para que ela seja instalada.

BLINDAGEM POLÍTICA

Aliados de Lula argumentavam que a CPI do Senado não seria necessária porque polícia, Ministério Público e Justiça estão fazendo seu trabalho. Reservadamente, temiam que houvesse algum desgaste para Lula logo no início do mandato, já que a investigação poderia chegar a parlamentares envolvidos nos atos terroristas e até mesmo a militares. Afinal, o presidente precisa de votos no Congresso para aprovar medidas importantes para seu governo e a relação com as Forças Armadas anda bastante estremecida. Líder do governo no Senado, Jaques Wagner (PT-BA) diz não ver razão para a instalação da CPI, embora também tenha assinado o requerimento para a abertura da comissão. "Eu sinceramente não vejo muito sentido", diz. Segundo ele, os fatos de 8 de janeiro já estão sendo esclarecidos pelas autoridades competentes. "No caso da CPMI da Covid, não havia uma atuação do governo federal para esclarecer os fatos", alega.

O fato é que senadores governistas poderiam ter tomado a frente da CPI e conduzido a comissão com uma blindagem política a Lula, mas apostaram na alternativa do esvaziamento da comissão. O mandatário teria sido alertado dos riscos que corre. "Se o governo não faz, a oposição vai fazer", explica um senador que participou da CPMI da Covid. "Perderam a oportunidade de assumir o protagonismo e direcionar os trabalhos da comissão de acordo com seus próprios interesses", complementa.

Foi nesse contexto, exatamente pelas mãos de oposicionistas, que surgiu na semana passada a CPMI. Na segunda, 27, Randolfe prometeu "desarmar" a comissão. O governo trabalha para convencer parlamentares a retirar suas assinaturas do requerimento - parte significativa dos signatários pertence a União Brasil, PSD e MDB, partidos da base petista. "Alguns dos que assinaram a proposta são os mesmos que deveriam estar no rol dos investigados", ponderou Randolfe. Governista de primeira hora e lulista há tempos, o senador Renan Calheiros (MDB-AL) criticou a estratégia do governo. Chegou a dizer que, sob o comando de aliados do Planalto, a CPI dos Atos Golpistas no Senado poderia funcionar como um "Tribunal de Nüremberg profilático" para expor os "fascistas". "Todos os poderes estão fazendo sua parte no combate ao terrorismo e ao fascismo", disse o senador. "Era importante o Senado participar dessa força-tarefa para punir golpistas, aprimorar a legislação e atuar com o viés da institucionalidade para fortalecer a democracia. Defendi essa tese e alertei para a possibilidade de a oposição conseguir as assinaturas suficientes". Ao optar pela política de redução de danos, portanto, o governo pode ter contratado um problema ainda maior. ■

"Era importante o Senado participar dessa força-tarefa para punir golpistas e atuar com o viés da institucionalidade para fortalecer a democracia"
Renan Calheiros (MDB-AL), senador

EXEMPLO Lula com seu ídolo sul-africano, em 2004: "a palavra certa não é governar, é cuidar do povo"

Quero ser Mandela

Lula sonha alcançar a mesma relevância do líder africano no cenário internacional. Coloca-se como mediador do conflito entre Rússia e Ucrânia para repetir o protagonismo de 2010, quando viabilizou o acordo nuclear do Irã. O presidente brasileiro tem prestígio mundial, isso é inegável. Mas não é Nelson Mandela

Gabriela Rölke

Se internamente o presidente Lula trabalha para imprimir também ao seu terceiro governo a marca do social, com o combate à fome e a redução das desigualdades, no cenário externo o petista sonha ainda mais alto: já comparou sua trajetória à de grandes líderes como Martin Luther King e Gandhi, mas cita especialmente Nelson Mandela. E agora se dispôs a mediar o conflito entre Rússia e Ucrânia, que acaba de completar um ano e que não dá o menor sinal de que esteja próximo de uma solução. Lula conclamou outros países não envolvidos na guerra a tentar restabelecer a paz na região, e o presidente da Ucrânia, Wolodymyr Zelensky, demonstrou interesse em conversar com o brasileiro. Pela Rússia, o chanceler Serguei Lavrov disse ao homólogo brasileiro, Mauro Vieira, que virá a Brasília no próximo mês. Os dois se encontraram durante a reunião do G20, na Índia.

O presidente brasileiro tenta reproduzir o protagonismo de 2010, quando intermediou o acordo nuclear do Irã. "Na época, a conversa entre Estados Unidos e Irã foi algo surpreendente, já que o relacionamento entre esses países estava bastante tensionado", lembra a cientista política Natali Laise Zamboni Hoff,

ABERTURA Wolodymyr Zelensky: interesse em conversar sobre a guerra com o homólogo brasileiro

especialista em Relações Internacionais Contemporâneas e professora da UFPR. "Lula pode não repetir o mesmo protagonismo no conflito do Leste europeu, que está intenso. Mas esse movimento ajuda recolocar o Brasil num papel de referência, nas relações internacionais, quando a gente pensa em paz, cooperação e resolução de conflitos". O fato é que o presidente brasileiro goza de grande prestígio internacional. "Lula historicamente sempre atuou de maneira proativa nas relações internacionais, e a partir disso ele foi construindo essa imagem", atesta Natali. Em janeiro, ele recebeu a visita do chanceler alemão Olaf Scholz. Conversaram sobre a conclusão do acordo comercial entre União Europeia e Mercosul, cujas negociações ficaram suspensas durante o governo Bolsonaro. Também acertaram a reativação do Fundo Amazônia, paralisado desde 2019. O fundo vai receber R$ 192 milhões dos alemães, que também prometeram um pacote de R$ 1,1 bilhão em investimentos. A última visita de um chanceler do país europeu ao Brasil havia ocorrido em 2015, quando Angela Merkel se reuniu com Dilma Roussef.

Lula também conversou recentemente, por telefone, com o presidente da França, Emmanuel Macron. "Eu reiterei o apoio da França depois dos ataques à democracia brasileira", publicou o francês em seu perfil no Twitter. Macron deve vir ao Brasil ainda no primeiro semestre para a Cúpula da Amazônia, reunião que vem sendo articulada pelo presidente brasileiro. As relações entre os dois países estavam estremecidas por discordâncias sobre a questão ambiental, e também em razão dos comentários misóginos de Bolsonaro sobre a mulher de Macron, Brigitte. No mês passado, Lula foi recebido em Washington pelo presidente americano, Joe Biden, que anunciou a intenção de também colaborar com o Fundo Amazônia. Os dois se comprometeram a trabalhar juntos para expandir o Conselho de Segurança da ONU a partir da inclusão de assentos permanentes a países da África, América Latina e Caribe. Biden aceitou o convite de Lula para vir ao Brasil, mas a previsão de data para a viagem não foi informada.

Volta e meia Lula fala sobre encontro que teve com Mandela em 2004, em Pretória, capital administrativa da África do Sul. Ficou impressionado com o que viu: o povo se aproximava do Union Building, sede do governo, e passava as mãos pelas paredes do prédio. Mandela teria explicado, então, que antes aquelas pessoas eram massacradas e não podiam nem se aproximar do edifício - mas que sob seu comando "ganharam a liberdade". A partir daquela experiência, Lula diz ter aprendido com o sul-africano que "a palavra certa não é governar, é cuidar do povo". A analogia entre a trajetória de ambos, portanto, vai além do fato de os dois terem passado pela cadeia antes de chegar à presidência. Em seus primeiros governos, Lula apostou em políticas de distribuição de renda, como o Bolsa Família, o que contribuiu de maneira decisiva para que em 2014, durante o governo Dilma, o Brasil conseguisse sair do Mapa da Fome. Em 2010, foi condecorado pela ONU com o título de "campeão mundial na luta contra a fome".

PARCERIA
Joe Biden: junto com Lula para expandir o Conselho de Segurança da ONU

RETOMADA
Emmanuel Macron: com a volta de Lula, a França ensaia reaproximação

CANAL
Vladimir Putin: russo telefonou a Lula para cumprimentá-lo pela eleição

"Guardadas as devidas proporções, é possível traçar um paralelo entre Lula e Mandela para além do fato de ambos terem sido presos antes de ser eleitos: os dois tiveram papel muito importante em momentos cruciais da história de seus países", diz Natali. "Mas eu não projetaria para Lula a mesma importância internacional que Mandela teve, que foi muito além da relevância política interna". Ela explica que Lula, como liderança popular, conseguiu derrotar Bolsonaro nas eleições de 2022, o que possibilitou ao Brasil a retomada de um "caminho civilizado", em oposição ao que chamou de "barbárie dos últimos quatro anos". Por sua vez, Mandela também foi fundamental para a reunificação da África do Sul no pós-apartheid — e ainda conseguiu levar a discussão sobre o racismo para além das fronteiras de seu país. "Mandela é uma liderança extremamente importante quando a gente pensa na história mundial, porque se colocou como instrumento de luta contra o sistema de segregação racial", diz a cientista política. Para Lula chegar a tal lugar no pódio mundial, ainda falta subir alguns degraus. ■

FOTOS: LEO CORREA/AP PHOTO; EVAN VUCCI/AP PHOTO; LUDOVIC MARIN/AFP; MIKHAIL METZEL/SPUTNIK/KREMLIN POOL/AP PHOTO

ELOGIO
Gazeta de Notícias: "Apagou-se o Sol" estampou o jornal na morte de Rui Barbosa

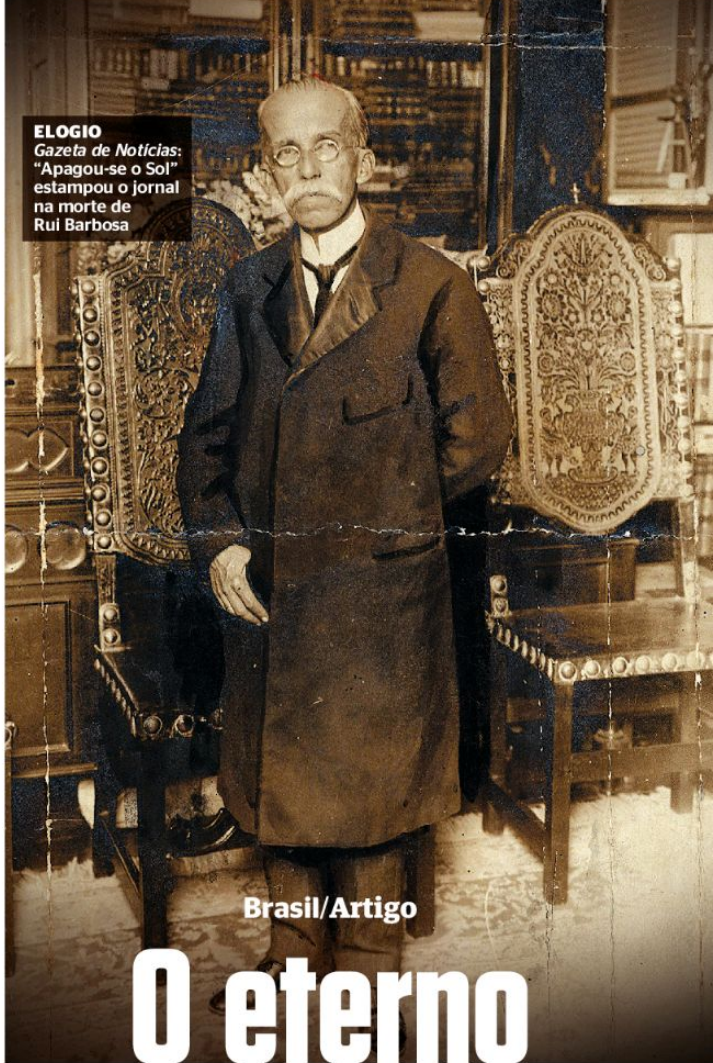
Brasil/Artigo

O eterno "Águia de Haia"

O centenário de morte de Rui Barbosa, o pequeno grande homem que projetou mundialmente o Brasil na histórica Conferência na Holanda. Defendia o liberalismo, as garantias fundamentais da cidadania e ensinou pelo civilismo que a política prescinde do militarismo

Antonio Carlos Prado

Se Rui Barbosa estivesse vivo, Vladimir Putin já teria deixado em paz a Ucrânia e se veria longe do poder na Rússia. O franzino baiano de um metro e cinquenta e oito centímetros de altura, cujo centenário de morte completou-se na quarta-feira 1, tornava-se gigante quando se tratava de banir líderes invasores – era pacifista, mas com um chicote intelectual na cabeça e, caso preciso, outro mais doído nas mãos. Por isso, nos tempos atuais, quando assistimos ao avanço de regimes autoritários e imperialistas à direita e à esquerda, mais que nunca é imprescindível a reflexão sobre a importância da atuação de Rui Barbosa. Ele nasceu em Salvador, em 1849, e faleceu em Petrópolis, em 1923. Foi tão democrático, que até o seu prenome sempre se grafou de duas maneiras: com y ou com i — muito embora você, Rui, deixasse transparecer uma franja de vaidade quando escrito com y, conforme registrou em carta recém-descoberta ao Barão do Rio Branco. Mas eu vou utilizar o i, e o faço porque considero o y uma letra que mal se equilibra numa perna só, mais cedo ou mais tarde vai acabar caindo mesmo.

Rui Barbosa passou a maior parte de sua vida no Rio de Janeiro, então capital do País. Foi um dos maiores polímatas brasileiros, e dentre suas áreas de trabalho destacam-se a advocacia, diplomacia, oratória, política e deontologia jurídica — estudo da ética do dever e da obrigação, criado pelo filósofo inglês Jeremy Bentham. O nosso personagem atravessou o tempo como intransigente defensor do regime republicano, das liberdades individuais, adepto do liberalismo econômico (desfiava com razão um rosário de palavrões contra o comunismo) e militou nos círculos abolicionistas da escravatura – pena que nesses dois últimos itens tenha patinado. **Como ninguém, Rui Barbosa impôs, projetou e engrandeceu o nome do Brasil em todo o mundo.**

FOTOS: ARQUIVO NACIONAL; REPRODUÇÃO

NOVO RUMO
A reunião só levaria a sério as grandes potências: Rui Barbosa fez com que todos olhassem para o Brasil

Proclamada a República pelo marechal Deodoro da Fonseca, em 1889, Rui Barbosa tornou-se ministro da Fazenda e da Justiça. Com a primeira pasta veio a primeira escorregada: a política econômica do encilhamento. Consistia ela na emissão desenfreada de dinheiro, e o País afogou-se em crise. O segundo tropeço deu-se quando Rui mandou queimar registros sobre a escravatura. À época, o argumento era que ele estava impedindo, dessa forma, que a União tivesse de indenizar ex-proprietários de escravos. Hoje é imperdoável seu gesto, apagando da história parte da selvageria da servidão forçada. Deodoro, em meio à pane econômica e à crise social, renunciou. É o momento em que Rui Barbosa – em cuja "cabeça Deus acendeu um vulcão de republicanismo", nas palavras do farmacêutico e escritor José do Patrocínio – vai se fortalecer e brigar pelo Estado de Direito. **Juntamente com Prudente de Morais, ele redigira a primeira Constituição da República e o artigo 42 dizia que, no caso de vacância da Presidência antes de dois anos de governo, teriam de haver eleições. Ocorre, no entanto, que o vice-presidente, marechal Floriano Peixoto, apoderou-se inconstitucionalmente do cargo. E nele ficou.**

O Congresso votou por aquilo que denominou "emudecimento político", revoltando Rui que era, e é, Patrono do Senado – nada mais justo, portanto, que a homenagem que a Casa lhe prestou em

Le Petit Journal
SUPPLÉMENT ILLUSTRÉ
Huit pages : CINQ centimes
DIMANCHE 13 JANVIER 1895
LE TRAITRE
Dégradation d'Alfred Dreyfus

L'AFFAIRE DREYFUS
Jornal francês mostra o capitão humilhado: Rui ajudou a provar a inocência

Brasília na semana passada (ele é igualmente Patrono do TCU). A sua luta civilista, que pregava a submissão das Forças Armadas ao poder civil, começava então a se desenrolar contra o militarismo. Uma parte da Marinha se sublevou na Revolta da Armada e, posicionada na Baia da Guanabara, colocou abaixo uma torre da igreja da Lapa. O fato foi retratado em samba, tempos depois, por Wilson Baptista: **"falta uma torre na igreja/vou lhe contar, meu irmão/foi na briga com Floriano/foi um tiro de canhão/e nesse dia/a Lapa vadia/teve a sua glória/deixou o nome na história".** Rui assumiu a defesa dos revoltosos e no habeas corpus que redigiu chamou o presidente de vice-presidente. O marechal disparou: "se o STF conceder habeas corpus, eu quero ver quem dará habeas corpus ao STF". Rui Barbosa seguiu para o exílio, tendo Londres como destino, e lá começou a fazer o nome do Brasil estrelar em todo o mundo.

Nessa época estava preso na Ilha do Diabo o capitão francês Alfred Dreyfus, acusado de traição à pátria. Tratava-se do famoso L'Affaire Dreyfus. Rui se uniu ao escritor e advogado Anatole França e provou (o chicote intelectual do qual se falou) que Dreyfus era um inocente perseguido por ser judeu. De volta ao Rio de Janeiro, ele seguiu sua trajetória, até que em 1907, a convite do Barão do Rio Branco, representou o Brasil na Conferência de Paz de Haia, na Holanda. Quando se levantou para discursar, mais uma vez o chicote do cérebro desmontou a arrogância dos EUA, da Inglaterra e Alemanha. Essas nações pretendiam criar um tribunal de arbitramento integrado por potências. Rui foi um leão e consagrou-se ao demonstrar que isso incentivaria a corrida armamentista. **Esperava-se e temia-se em Haia o protagonismo do barão alemão Marschall Von Bieberstein. Pois bem, ele desmoronou diante de Rui. O planeta se curvou ao Brasil.** Mais uma vez retornando ao País, ele continuou planejando ser presidente da República — houve duas vãs tentativas, a principal delas na campanha civilista contra o militar Hermes da Fonseca. Certa vez, foi visto na rua berrando: **"até maluco se elege presidente, e eu não consigo!". Tinha lá suas razões. Numa reunião no Catete, o presidente Delfim Moreira ficara atrás de cortinas observando quem transitava pela sala. O incansável civilista Rui Barbosa de Oliveira, em cinquenta e cinco anos de vida pública, passou trinta e dois no Senado. Teve assim noticiada sua morte pelo jornal *Gazeta de Notícias*: "Apagou-se o Sol!".** O seu epitáfio é: "Estremeceu a Justiça, viveu no Trabalho e não perdeu o Ideal". ■

CLUBE COMPLETO COM A QUALIDADE JHSF E PISCINA DE SURF COM ONDAS DE ATÉ 22 SEGUNDOS E TECNOLOGIA PERFECTSWELL®.

O MEMBERSHIP DO CLUBE É INDEPENDENTE DOS EMPREENDIMENTOS RESIDENCIAIS.

FOTO REAL DA PISCINA PARA PRÁTICA DE SURF DO BOA VISTA VILLAGE, A MESMA TECNOLOGIA DA PISCINA DE SURF DO SÃO PAULO SURF CLUB.

ASSISTA AO VÍDEO DA CAMPANHA.

membershipsurfclub@jhsf.com.br

Imagens ilustrativas. O projeto encontra-se em fase de desenvolvimento e aprovação. Utilização e adesão estarão sujeitos a análise de acordo com o estatuto e regimento interno do clube.

JHSF

CLUBE DE SURF EXCLUSIVO PARA MEMBROS
COM A QUALIDADE E A EXCELÊNCIA JHSF

COMPLETA ESTRUTURA DE SURF, REUNINDO ESPORTE, LAZER E GASTRONOMIA

PISCINA COM TECNOLOGIA PERFECTSWELL®

SURF CLUBHOUSE COM RESTAURANTE

SPA COMPLETO E ACADEMIA COM EQUIPAMENTOS DE ÚLTIMA GERAÇÃO

QUADRAS DE TÊNIS COBERTAS E QUADRAS DE BEACH TENNIS

MAPA DA LOCALIZAÇÃO DO SÃO PAULO SURF CLUB

JHSF

DIETA FRACA Garoto morador da favela do Arco-Íris, em Recife, com acesso a poucos alimentos saudáveis

O INACEITÁVEL RECORDE DA DESNUTRIÇÃO INFANTIL

O desmonte de políticas públicas reduziu a segurança alimentar nos últimos anos. A porcentagem de crianças de 0 a 5 anos entre as internações totais de subnutridos mais do que dobrou em uma década. Para os médicos, a situação é alarmante

Thales de Menezes e Mirela Ruiz

FOTOS: UESLEI MARCELINO/REUTERS; ISTOCKPHOTOS

Em 2014, no primeiro mandato de Dilma Rousseff, o Brasil saiu do Mapa da Fome das Nações Unidas (ONU), graças aos avanços nos marcos legal e institucional sobre alimentação e nutrição e também aos programas sociais implantados nos oito anos de mandato de Lula e que tiveram continuidade com Dilma. A partir de 2019, com o desmonte de programas e políticas sociais promovido na gestão Jair Bolsonaro, agravado pela crise econômica e a pandemia de Covid, o País voltou ao Mapa da Fome. Isso ocorre quando mais de 2,5% da população de um país enfrentam falta crônica de alimentos. Os dados alarmantes de um estudo divulgado pela Sociedade Brasileira de Pediatria servem de aviso para todos os brasileiros. De janeiro de 2012 a novembro de 2022, foram registradas quase 400 mil hospitalizações de crianças motivadas pela desnutrição, somente na rede pública. Em torno de 30 mil foram de crianças menores de 1 ano, e outros 15 mil casos envolveram crianças entre 1 e 4 anos. A proporção de crianças menores de 5 anos internadas mais do que dobrou em relação ao total de casos de desnutrição. Em 2012 eram 8%, e alcançaram 18% em 2022.

"O Brasil nunca teve estoques tão baixos de alimentos regulados pelo governo para distribuir e garantir a segurança alimentar"
Gonzalo Vecina Neto, médico sanitarista e um dos idealizadores do SUS

AUXÍLIO Distribuição de marmitas na favela Cidade de Deus, no Rio de Janeiro

A FOME CRESCE

Porcentagem de crianças de 0 a 5 anos nas internações de subnutrição no SUS

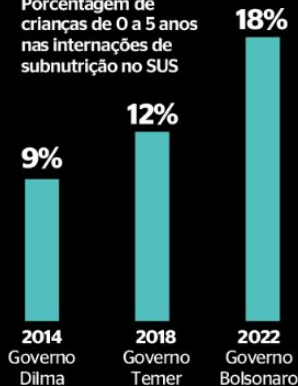
Ano	Governo	%
2014	Governo Dilma	9%
2018	Governo Temer	12%
2022	Governo Bolsonaro	18%

FONTE: SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA

A desnutrição hoje é caracterizada por um processo inflamatório crônico. Um grande problema da desnutrição é o déficit imunológico, que reduz a capacidade de defesa do corpo e aumenta os riscos de infecções. "Não podemos achar que dar comida calórica em uma alta quantidade vai recuperar essas crianças de uma forma rápida. O processo de recuperação é longo e a Organização Mundial de Saúde tem um manual de recomendação de recuperação nutricional da criança em um estado grave", alerta Daniela Gomes, médica nutróloga do Hospital Albert Sabin (HAS). Muito da desnutrição vem de alimentos ultraprocessados, que têm um valor de mercado cada vez mais baixo, da redução de uma cultura de subsistência em que o alimento da terra era extremamente rico e é substituído por alimentos extremamente pobres. São as chamadas "calorias vazias", como bolachas e salgadinhos, com déficit vitamínico gigantesco e que levam ao déficit proteico.

"NADA É FEITO"

"Os números assustam e todos nós somos responsáveis. Há uma somatória de fatores: crise econômica, pandemia, piora da renda familiar. Todos, em maior ou menor grau, participam desse quadro. Esse processo não ocorre de um momento para outro. Há um descaso em andamento e nada é feito", diz o pediatra Aureliano Augusto Cardoso Gomes Mendes. Persistindo esse quadro, o legado ao futuro será uma população aquém de todo o potencial intelectual e motriz de que seria capaz. A desnutrição atrapalha o desenvolvimento de habilidades como atenção, memória, leitura e aprendizagem de linguagem, e a criança que tem dificuldade mostra maiores chances de ir mal na escola ou de abandonar os estudos. "É fundamental melhorar o saneamento básico, causa de incidência repetida de infecções intestinais, que são agentes de desnutrição na infância. Como podemos no século XXI aceitar um País sem esgoto nem acesso a água potável em mais da metade do território?", indaga a médica endocrinologista Isabelle Monique Dossa.

A desestruturação de órgãos do governo é incontestável. A extinção do Consea (Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional), em 2019, e também do Sisan (Sistema de Segurança Alimentar e Nutricional) tiveram repercussões dramáticas no cenário da alimentação brasileira. No mesmo ano foi extinto o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. O Ministério do Desenvolvimento Agrário, especializado na criação da pequena e média agricultura familiar, tinha sido

extinto em 2016, e houve uma diminuição de recursos repassados para o Pronaf (Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar), e dos recursos movimentados pela Companhia Nacional de Abastecimento.

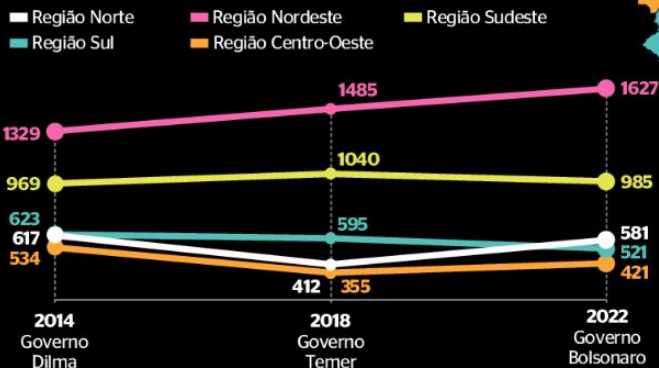
Os especialistas apontam também a importância de se falar do sobrepeso que a desnutrição traz. Desnutrição não é só magreza. Muitas crianças acima do peso para sua idade são também desnutridas, uma vez que a alimentação é rica em açúcar e gorduras e pobre em nutrientes fundamentais para o organismo. Essa desnutrição por excesso de alimentos inadequados é o que se chama de "fome oculta", que pode afetar indivíduos e famílias que foram obrigadas a mudar a alimentação por falta de dinheiro. Os alimentos que os especialistas chamam de saudáveis, como frutas, verduras, legumes, arroz, feijão e carne foram impactados pela inflação muito mais do que os alimentos industrializados, como bolachas, sucos e macarrão instantâneo. A médica se mostra indignada. "Veja só como isso é desafiador para nossa geração. Não só não tenho acesso ao alimento, mas quando tenho acesso é ao produto de pior qualidade, rico em gordura, rico em sal, rico em açúcar e pobre em nutrientes adequados", explica a presidente do departamento de nutrologia da Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP), Fabíola Suano de Souza.

VAZIO Rosângela da Silva com o filho de 3 anos em Parelheiros, na zona sul de São Paulo

Outro ponto que tem chamado atenção e contribuído para o elevado número de crianças em desnutrição é má qualidade da merenda escolar. Crianças em situação de vulnerabilidade muitas vezes têm na escola a oportunidade de passar o dia, comer e estar protegida de várias questões sociais. Em relação ao aumento progressivo, substancial e preocupante de internações de crianças menores de cinco anos nessa última década, a pediatra conta que tem visto mais rotineiramente crianças pequenas desnutridas sendo internadas e, após quatro semanas, estão em melhor condição nutricional apenas por comer no hospital. "Eu já vi nos pronto-socorros os pais levando seus filhos a cada dois dias, dizendo que as crianças estão com chiado, e percebemos que elas não estão doentes. Eles vão porque lá tem um lanchinho na recepção enquanto esperam. É muito triste de ver", completa Fabíola. .

"A área de segurança alimentar do Ministério da Saúde foi totalmente desmantelada nos vários ministérios que participam da estruturação dessa política", aponta Gonzalo Vecina Neto, médico sanitarista, fundador e ex-presidente da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) e um dos idealizadores do Sistema Único de Saúde (SUS). De acordo com ele, "o Brasil nunca teve estoques tão baixos de alimentos regulados pelo governo para garantir a segurança alimentar. Nós estamos vivendo na iminência da insegurança alimentar desde 2016. E durante os quatro anos do governo Bolsonaro isso piorou muito. Essa é a consequência que nós estamos vivendo, crianças nessa faixa de 0 a 5 anos com desnutrição grave sendo internadas exclusivamente para serem alimentadas." ■

FONTE: SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA

FOTO: LALO DE ALMEIDA/FOLHAPRESS

Marketing de recompensas:

conquiste, engaje e fidelize clientes

Como fidelizar meus clientes? Como engajar mais? Como me diferenciar e conquistar promotores para a minha marca? Se você é gestor de alguma empresa ou trabalha com marketing, com certeza tem ou já teve essas dúvidas. Em cenários cada vez mais competitivos, é comum que as empresas busquem estratégias capazes de conquistar clientes e estreitar a relação com eles.

E com tanta informação, possibilidades e oportunidades surgindo a todo momento para os consumidores, sai na frente a empresa que consegue desenvolver ações que não só reconhecem a importância do cliente, como também resultam em otimização do engajamento e fidelização. Mas, afinal, o que fazer para destacar a sua marca?

Uma das possibilidades que surgiu no mercado e tem chamado a atenção, principalmente por ser acessível para empresas de todos os tamanhos, é o marketing de recompensas. Essa é uma estratégia de marketing que tem como objetivo estreitar a relação entre a marca e os seus clientes, por meio de um programa de recompensas.

Quais os benefícios de utilizar o marketing de recompensas?

A construção de um relacionamento de confiança entre as marcas e os seus clientes é essencial para qualquer empresa. Um cliente satisfeito pode se tornar um aliado especial, pois pode ser também um divulgador da sua marca.

O que muitas empresas ainda não conseguiram definir é a melhor forma de promover o engajamento e entusiasmar o consumidor a se relacionar mais estreitamente com a marca. Foi nesse contexto que surgiram os programas de fidelidade, em que o cliente adquire produtos ou serviços, ganha pontos e depois pode trocar por benefícios.

Um dos principais desafios nessa estratégia é a dificuldade, para o cliente, em reunir a quantidade de pontos necessária para fazer a troca. Além disso, o programa de fidelidade às vezes generaliza o perfil dos participantes. Por isso, algumas empresas já têm repensado a maneira de recompensar seus clientes.

E qual é esse novo jeito de se relacionar e encantar o seu público?

No Brasil, o marketing de recompensas já tem sido a escolha de grandes empresas do varejo, setor financeiro e até de startups.

A empresa líder nesse segmento é a Minu, que já atua há 14 anos oferecendo soluções com entregas de recompensas instantâneas, sem burocracia ou necessidade de acúmulo de pontos.

A estratégia une inovação, tecnologia e praticidade para oferecer a melhor solução em campanhas de marketing com entrega de recompensas instantâneas, que atendem a diferentes perfis de consumidores. "O marketing de recompensas valoriza a experiência de compra. Ninguém precisa esperar semanas ou até meses para ter a recompensa. O cliente resgata e recebe instantaneamente. Oferecemos um catálogo digital com centenas de parceiros e mais de 600 ofertas para as empresas disponibilizarem aos consumidores, com opções que vão desde créditos em telefonia e internet até descontos em produtos ou serviços de lojas parceiras.", conta o vice-presidente comercial e de marketing da Minu, Oswaldo Oggiam.

No momento em que o consumidor ganha imediatamente uma nova experiência e pode usufruir de maneira fácil e rápida, é muito provável que queira continuar se relacionando com a marca. Então, se a sua empresa procura adquirir ou reter clientes, trazendo retorno positivo, com baixo investimento e alta percepção de valor, o marketing de recompensas pode ser a solução ideal.

Big techs no banco dos réus

Ações judiciais na Suprema Corte dos EUA colocam contra a parede as plataformas digitais, que lutam pela manutenção da legislação atual para se isentar da responsabilidade por conteúdo que pode levar a atos criminosos

Denise Mirás

TERROR Beatriz Gonzalez e Jose Hernandez, mãe e padrasto de Nohemi Gonzalez (abaixo): jovem foi morta em 2015 no Bataclan, em Paris

O debate sobre as leis que regulam conteúdos digitais vinculados a ideias extremistas e desinformação chegou à Suprema Corte dos EUA. Familiares das vítimas cobram ação contra as big techs, acusando as empresas de serem corresponsáveis pelas postagens de ódio que resultam em mortes por ataques terroristas ou por fake news ligadas à pandemia. O caso Nohemi Gonzalez pode se tornar simbólico, pois abriu o debate sobre a legislação que isenta empresas como Google, Twitter e Facebook, entre outras, da responsabilidade pela publicação de conteúdo por terceiros. O que está em jogo é a Seção 230 da Lei

FOTOS: JIM WATSON/AFP; CHRIS CARLSON/AP PHOTO; MEGAN JELINGER/AFP

das Comunicações, que permite o uso de algoritmos direcionando internautas a anúncios que sustentam essas gigantes digitais. Adotada ainda no início da internet, em 1996, a norma é considerada defasada diante da rápida evolução tecnológica, principalmente com a popularização das redes sociais. O julgamento vai determinar a manutenção ou mudança na lei tida como "passaporte" para disseminação geral das postagens – incluindo as criminosas. A decisão sai em 30 de junho.

Marcello Junqueira Franco, da Urbano Vitalino Advogados e especialista em Direito Digital, lembra que o tema vem sendo tratado por diferentes cortes em vários locais e há algum tempo. "Nesse caso específico, a decisão pode gerar um precedente que vai se tornar inspiração ou parâmetro para julgamentos da mesma natureza, em todo o mundo", afirma. No entanto, a aplicação não seria imediata, pela soberania de legislação de cada país. "Acatar a decisão da Suprema Corte dos EUA pode demandar esforços tão relevantes e caros que as plataformas de conteúdo e redes sociais tendem a optar por políticas globais, uma vez que seria ainda mais custoso promover atuações diferentes em cada região."

Na audiência de 21 de fevereiro, advogados da família da estudante americana e das big techs apresentaram argumentos sobre as responsabilidades pelo assassinato de Nohemi, que tinha 23 anos em 2015. Ela estava na casa de shows Bataclan, em Paris, quando o atentado a tiros executado por três terroristas do Estado Islâmico resultou na morte de 130 pessoas. Seus familiares já haviam entrado com ação contra Google, Facebook e Twitter em 2016, companhias que foram isentadas de culpa pelas instâncias inferiores. Agora, na Suprema Corte, o foco é o YouTube, de propriedade do Google, sob alegação de que o massacre foi encorajado e facilitado por recomendações algorítmicas de vídeos do Estado Islâmico a internautas com mais probabilidade de se interessar por conteúdos extremistas, em violação à lei federal antiterrorismo.

A família de Mehier Taamneh, morto em ataque do mesmo Estado Islâmico em uma boate de Istambul, na Turquia, em 2017, apresentou na Suprema Corte os mesmos argumentos, mas contra o Twitter. A acusação diz que a plataforma não retirou publicações do grupo extremista e questionou se as empresas, ainda que blindadas pela Seção 230, não deveriam estar sujeitas à lei antiterrorista.

COVID NA LISTA

Um caso de Covid-19 também chegou à Suprema Corte. A ação foi impetrada contra o aplicativo "Gab", com orientação de extrema-direita, por Jessica Watt Dougherty. Para ela, a plataforma deve ser responsabilizada pela desinformação que convenceu Randy Watt, então com 64 anos, a recusar a vacina no ano passado. Ele adoeceu e ficou isolado no hospital. "Vi meu pai morrer pela tela do celular", disse Jessica. Só então a família descobriu a rede, que dissemina teorias de conspiração. Quando se sentiu mal, Randy tomou medicamentos como a Ivermectina, recomendada por campanhas publicitárias no aplicativo. Segundo entidades de saúde, o produto pode ser ineficaz contra a Covid-19 e perigoso.

LOBBY MILIONÁRIO

A discussão, agora, vai se aprofundar sobre o uso de algoritmos pelas big techs. Utilizados pelos sites para filtrar e classificar bilhões de dados, eles tornaram-se ferramentas decisivas para direcionar a audiência a conteúdos específicos, otimizando a receita com publicidade. As bigtechs dizem que a Seção 230 é essencial para a internet continuar aberta e livre, com usuários publicando o que desejam sem censura. Essa "liberdade de expressão" é evocada pelo Google e outras empresas, que dependem do conteúdo gerado por usuários e temem se ver diante de uma enxurrada de interpelações contra qualquer postagem que poderia criar um efeito cascata de milhares de ações judiciais. As empresas dizem que dependem da lei para evitar um caos jurídico.

Hoje são publicados bilhões de posts por dia em dezenas de mídias sociais. Usuários do YouTube, por exemplo, compartilham 500 horas de vídeos por minuto e assistem a um bilhão de horas de vídeos diariamente. Na audiência que abriu o julgamento na Suprema Corte, o juiz Clarence Thomas perguntou se o algoritmo que o YouTube usa para recomendar "uma marca de arroz ou um ataque terrorista" é o mesmo. A resposta foi afirmativa. O caso é tão complexo e terá consequências tão imprevisíveis que os próprios juízes estão tentando se eximir de responsabilidades. Um deles, Brett Kavanaugh, sugeriu que seria melhor deixar a situação como está e passar esse fardo para o Congresso resolver. As companhias torcem para que o tema seja definido pelos políticos: em 2022, apenas o Facebook gastou US$ 20 milhões em lobby em Washington. ■

A volta da megalomania

A retomada da criação do trem-bala ligando São Paulo ao Rio de Janeiro, que foi bandeira de Dilma Rousseff na Presidência, aponta tendência de novas grandes obras, tradição da política brasileira com resultados desastrosos

Thales de Menezes e Carlos Eduardo Fraga *

A Agência Nacional de Transporte Terrestre (ANTT) autorizou a TAV Brasil a construir o trem-bala e gerir sua operação por 99 anos. Holding com três empreses associadas, a TAV Brasil terá como CEO o economista Bernardo Figueiredo, que foi diretor da ANTT. O ministro dos Transportes, Renan Filho, disse à imprensa que o governo não tem participação na empreitada, falando em coro com a nova empresa, que divulgou a intenção de um projeto com 100% de capital privado. Difícil acreditar nessa realização. Entre 2005 e 2015, o governo tentou colocar nos trilhos o trem superveloz, promessa de campanha de Dilma, que desejava inaugurar a obra para a dinâmica de transportes da Copa de 2014. Se a máquina do governo não logrou sucesso nisso, mesmo em um período surfando em aprovação popular, quais as chances da TAV Brasil nessa nova tentativa?

O projeto foi deixado de lado, ainda na gestão Dilma, pelas controvérsias sobre sua viabilidade e pela ausência de interessados em participar do leilão para a escolha da empresa que assumiria o trabalho. A saga fracassada do trem-bala deixou uma herança maldita, a Empresa de Planejamento e Logística (EPL), criada pelo governo em 2012, dedicada a prestar serviços na área de projetos, estudos e pesquisas em infraestrutura e transportes. O órgão consumiu milhões de reais por dez anos, sem avanços na área, até ser incorporado em 2022 pela Valec Engenharia, Construções e Ferrovias.

Agora, não é possível vislumbrar ainda um quadro animador ao projeto. A TAV Brasil é uma Sociedade de Projeto Específico, criada no ano passado, com capital social de R$ 100 mil. A empresa não dá detalhes do projeto antes de assinar o contrato com a agência reguladora, algo que pode levar até 30 dias, a não ser a divulgação de que, após a assinatura, inicia o trabalho de captação de investidores. Ciro Biderman, pesquisador, professor da Fundação Getúlio Vargas e diretor do recém-criado FGV Cidades, dedicado a questões de infraestrutura, mobilidade e habitação, se mostra cético. "Acho muito difícil esse projeto parar de pé só com tarifa. Precisa competir com a ponte aérea, então terá de trabalhar com um limite de preço. Terá de fazer as viagens com alta lotação, mas mesmo assim essa conta não fecha. De onde virá o retorno?"

MAQUINISTAS Lula e Dilma Rousseff em um trem-bala alemão: obsessão de 20 anos

No final do ano passado, a equipe de transição do governo Lula recebeu muitas sugestões de retomada de in-

FOTOS: RICARDO STUCKERT/PR; WILTON JUNIOR/ESTADÃO; RAUL SPINASSÉ/FOLHAPRESS; CLAYTON DE SOUZA/ESTADÃO

GIGANTE
A imensa refinaria Abreu e Lima, em Pernambuco: construção custou mais de sete vezes o orçamento original calculado no projeto

vestimentos em obras portentosas. Entre os setores, o lobby da indústria naval é forte e cíclico. Desde Juscelino Kubitscheck nos anos 1950, passando pelo governo militar, pelas administrações recentes do PT e também de Bolsonaro, muitas tentativas apareceram, sendo que a maioria enfrenta um problema inicial incontornável: é mais barato comprar um transatlântico de um estaleiro na Europa ou na Ásia do que todo o investimento necessário para passar a fabricá-lo. Na década passada, a insistência levou a pelo menos mais de uma dúzia de instalações desse tipo. São exemplos o estaleiro gaúcho Rio Grande e o baiano Enseada. Hoje, após a turbulência das investigações da Lava-Jato, atrasos, superfaturamento, longos períodos fechados e episódios de recuperação judicial, esses gigantes ainda tentam sobreviver, mas longe da produção de navios. Praticamente todos se apegam a trabalhos de manutenção em embarcações.

As refinarias imensas, que chegaram a ser uma espécie de troféu administrativo no regime militar, são criadas no País em ondas de entusiasmo intercaladas por períodos de problemas sérios. É o que acontece hoje com mastodontes com a Abreu e Lima e a Comperj. A primeira, em Ipojuca (PE), começou a ser construída em 2003 e só foi concluída em 2014. Com orçamento inicial de US$ 2,4 bilhões, custou cerca de US$ 18,5 bilhões. A carioca Comperj nem foi terminada. Sua construção foi iniciada em 2008 e interrompida em 2015, com 80% da obra pronta. Se concluída, seu custo deve chegar aos US$ 47 bilhões.

NOVOS RUMOS
Os estaleiros Enseada (BA) e Rio Grande (RS): afetados pelas investigações da Lava-Jato, hoje estes e outros pelo Brasil não fabricam navios, apenas fazem reparos em embarcações

ELEFANTE BRANCO
A Transamazônica foi aberta em 1972 (acima). Dos 8 mil km previstos, foi reduzida a 5,7 mil km no projeto, liberada com 4,2 mil km, e assim ficou (abaixo). No governo de Ernesto Médici (ao lado, à esq.), teve à frente Mário Andreazza (dir.), ministro dos Transportes, gestor de grandes obras no governo militar, como a Ponte Rio-Niterói

As duas foram atingidas pelas delações da Lava-Jato, que revelaram esquemas ilícitos entre o governo e as maiores empreiteiras do País, que provocaram uma vasta revisão de contratos.

Nenhuma outra obra tira o posto de maior elefante branco brasileiro da Rodovia Transamazônica, que começou a ser construída em 1972 e nunca foi concluída. A rodovia deveria ser um marco do governo militar, mas em pouco tempo passou a justificar a piada famosa que define a estrada como "algo que liga o nada a lugar nenhum". Ciro Biderman reafirma a vocação brasileira de elencar problemas com obras faraônicas, mas ressalta não incluir as criticadas e muito caras usinas nucleares em Angra dos Reis entre os projetos errados. "A rejeição à Angra veio muito com a tragédia em Chernobyl. Mas, apesar do bom uso de fontes eólicas e solares, a energia nuclear é uma boa alternativa aos combustíveis fósseis." Angra 1 começou a operar em 1985, e se aproxima do limite recomendável de funcionamento desse tipo de usina, de 40 anos. Angra 2 entrou em atividade em 2001, enquanto Angra 3 ainda segue em construção.

O professor da FGV é bem-humorado ao criticar a tradição brasileira dos projetos grandiosos. "O governante sempre adora um brinquedinho, né? Ele acredita no retorno político de grandes obras, que também trazem grandes problemas. O País precisa muito mais de vários pequenos projetos." Biderman explica que a obra megalomaníaca alimenta a mídia, passa à população a sensação de que está sendo atendida e permite ao governo investir uma boa parte de seu orçamento numa coisa só. "É uma espécie de preguiça administrativa, que joga todos os esforços num projeto grande e não precisa trabalhar com as várias demandas menores e essenciais. Esse modelo favorece as obras maiores." ■

**Estagiário sob supervisão de Thales de Menezes*

FOTOS: ROBERTO STUCKERT/FOLHAPRESS; EDUARDO KNAPP/FOLHAPRESS

A NOVIDADE Imagem divulgada pela Nasa das descobertas no cinturão de asteroides

Espaço

Lições de um planeta-anão

Descoberta no cinturão de asteroides entre Marte e Júpiter reforça a ideia de que a água foi trazida à Terra por cometas

Duda Ventura*

Mercúrio, Vênus, Terra, Marte, Júpiter, Saturno, Urano e Netuno. Para alguns, Plutão. Esses planetas do Sistema Solar, apesar de serem os mais famosos, não são os únicos: o maior dos menos populares, Ceres, por exemplo, chega a ter 900 quilômetros de diâmetro, sendo considerado um planeta-anão.

E mais estão sendo encontrados: o telescópio da Nasa do Observatório Mauna Kea, no Havaí, permitiu descobrir tipos de corpos celestes antes desconhecidos. Localizados num cinturão de asteroides entre Marte e Júpiter, esses pequenos planetas apresentam composições hidratadas e minerais que somente poderiam ter sido originados na interação com a água. Não são lagos ou rios, como se imagina quando se fala em água num astro, mas compostos químicos, explica Valério Carruba, professor e astrônomo da Unesp.

Essa descoberta pode mudar a forma como cientistas analisam a presença de água na Terra. Criados em uma região fria do Sistema Solar, esses asteroides teriam sido atraídos para o cinturão por mudanças na estabilidade da gravidade dos planetas, se aproximando da órbita de Ceres. Assim, há 4,5 bilhões de anos, quando participaram da formação deles, podem ter trazido água ao que viria a ser chamado de "planeta azul".

Como a Terra era muito quente e árida para ter água, mesmo no estado gasoso, durante sua formação, esses asteroides hidratados que colidiram com o planeta são a mais concreta possibilidade para a aparição desse elemento na superfície. "Estudos antigos já demonstraram que a composição da água na Terra é compatível com a composição da água nos cometas", complementa Carruba.

As imagens desses asteroides confirmam uma ideia comum sobre eles: de que seriam formados por vários poros. Isso facilita ainda mais a possibilidade de ter ocorrido uma movimentação desses corpos pelo universo, uma vez que as temperaturas mais baixas da região onde foram formados não eram quentes o suficiente para transformá-los em rochas compactas. Em proporções muito maiores, uma vez que esses planetas só chegam a 200 quilômetros de diâmetro, o mesmo teria ocorrido com Ceres. ■

**Estagiária sob supervisão de Thales de Menezes*

Moda

Feitas para andar

Inspirada no herói de mangá Astro Boy, "grande bota vermelha" ganha haters e adoradores dentro e fora da moda

Ana Mosquera

Após desfilar nos pés de celebridades na Semana de Moda de Nova York, como Dorian Electra e Wisdom Kaye, a "big red boot" logo tomou os espaços para os quais parece ter nascido. "É um produto criado em sintonia com o momento das redes sociais", diz Natália Bridi, do canal Entre Migas. Foi na plataforma de vídeos curtos que um senhor viralizou ao tentar retirar os sapatos gigantes. Inspirada nos calçados do Astro Boy, mangá japonês de Osamu Tezuka, de 1952, a "grande bota vermelha" mal foi lançada pelo coletivo de arte MSCHF e já está fora de estoque.

Ainda que os cosplayers reproduzam a estética dos desenhos animados há tempos, a inclusão do item na moda tem tom de novidade: "Não é algo que necessariamente vá ser ab-

FOTO: REPRODUÇÃO

sorvido pelo grande público, mas certamente faz barulho em um espaço concorrido e repetitivo", continua Natália. O fenômeno tem mais relação com o poder viral da imagem do que com o clássico asiático e o produto em si: "É diferente de quando o visual de Matrix extrapolou as telas e virou tendência de estilo".

De acordo com Marcio Banfi, styling e professor do curso de Moda da Faculdade Santa Marcelina, o sucesso instantâneo de peças como essa está ligado à moda lúdica, que aqui se sobrepõe à utilitária. "É juntar a brincadeira com quem quer brincar", diz Victória Scherer, sócia da plataforma de aluguel "Não Tenho Roupa", sobre o seleto grupo que recebeu os sapatos e aquele que se dispôs a pagar mais de R$ 1.820 por eles. A venda desenfreada não é o foco dos artistas.

Mas, lembrando o título de um grande hit da cantora Nancy Sinatra nos anos 1960, "essas botas são feitas para andar"? "Ela parece ser confortável, mas é larga dos lados. No entrepernas, deve bater um pé no outro", fala Banfi, sobre os itens de borracha e EVA. Sua função, segundo ele, tem mais a ver com o "burburinho" que a aparência meio virtual e meio real causa entre fãs e haters. Dos pés do andróide super-herói para os de poderosos da moda e de fora dela, as "botinhas" comunicam desejos de criatividade e ousadia em um momento de questionamento sobre o belo. "É uma moda pontual, mas acho que alguns elementos refletem o que vai chegar às lojas de departamento depois", diz Victória. ■

INFLUENCERS A rapper Coi Leray, em jogo de basquete (à esq.), e a modelo Sarah Snyder levam as botas vermelhas a seus seguidores

FOTOS: REPRODUÇÃO INSTAGRAM

BONS SONHOS Brasileira e natural, kombucha do sono é enviada para todo o Brasil. À direita, a criadora, Fernanda Matias

Medicina alternativa

Sonífera kombucha

Chá fermentado criado por bióloga leva plantas brasileiras e traz esperança para quem não consegue dormir bem

Ana Mosquera

Uma kombucha criada no Rio Grande do Norte promete acabar com as noites mal dormidas. A criação da bebida faz parte do biohacking, caracterizado pela aplicação de técnicas científicas para o próprio bem-estar e, então, para o de outras pessoas. A bióloga, doutora em biotecnologia e professora da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (Ufersa), Fernanda Matias, acredita que o movimento veio para ficar. Ela é biohacker e foi para resolver a insônia decorrente de problemas de saúde que deu início ao atual foco da startup Meltech: o Elixir do Sono.

Para casar com a alternativa natural, optou por trabalhar com produtos nacionais, unindo a sabedoria popular à científica: "Procurei entender as plantas brasileiras e conversar com pessoas de comunidades locais, além de fazer a pesquisa de princípios ativos". São três árvores e arbustos que compõem o líquido de receita sigilosa, duas da Caatinga e uma da Amazônia. Diferente de outras kombuchas, o elixir não tem cafeína ou álcool. "A minha cultura [colônia de bactérias e leveduras] é das originais, tem 15 anos. Ela usa a cafeína do mate e da Camellia sinensis para se alimentar." Segundo Matias, a kombucha do sono tampouco gera dependência e, depois de alguns dias, a necessidade de ingeri-la simplesmente passa: "Seu objetivo é auxiliar a identificar o ciclo circadiano [funções biológicas ao longo de um dia], para os hormônios do cérebro perceberem que é hora de dormir".

EFEITOS RÁPIDOS

A esteticista e cosmetóloga Creila Tristão Rodrigues Moreira comprova a eficácia. Ela começou a usar o elixir em dezembro e conta que, já na primeira semana, sentiu os efeitos positivos do consumo: "Essa kombucha me salvou a vida. Eu tomava Zolpidem há mais de quatro anos. Consegui parar com esse medicamento e estou diminuindo o outro. Hoje, tomo o elixir às vezes, quando quero ficar mais na cama". Luís Otávio Aguiar Cavicchia, graduando em Nutrição na Universidade Federal de Viçosa (UFV), lembra que outros fatores são importantes para dormir bem. "Uma dieta variada pode exercer efeitos positivos nos parâmetros relacionados ao sono". ■

FOTOS: EDUARDO ALVES DE MENDONÇA

RODÍZIOS **DIFERENTES**

Pagar um preço fixo e consumir quanto quiser não é mais privilégio dos fãs de pizza e carne. Há restaurantes que oferecem hambúrgueres, pastéis e até vinhos *Elba Kriss*

À VONTADE Bocca Nera, em São Paulo: 15 rótulos e degustação com sommelier

Os rodízios ganharam novos cardápios. Acostumados a servir pizzas, carnes ou comida japonesa, os restaurantes com preço fixo cederam espaço para novidades que vão dos drinques aos sanduíches. Em São Paulo, capital gastronômica do País, existe o primeiro rodízio de vinhos. O wine bar Bocca Nera, na Vila Madalena, oferece 15 rótulos de nacionalidades diversas, entre espumantes, brancos, rosés, tintos e os de sobremesa. A lista muda a depender do estoque e os preços são inferiores a R$ 100. "O cliente prova todos e depois fica à vontade. Temos sommelier para uma degustação guiada, mas não é aquela coisa formal. A ideia é vir, se divertir e sair com conhecimento de um jeito leve", explica o proprietário Rafael Ilan. "A intenção é criar uma experiência para compreender o mundo dos vinhos, que parece complicado, mas não é". Para chegar ao formato sem ficar no prejuízo, o empresário fez um estudo de campo. Convidou conhecidos e familiares com perfis diversos e realizou mais de dez testes diferenciados. "Convidei amigos que gostavam de beber e conhecedores de vinho. Elaborei dados como preço e quantidade a servir a partir daí". Funcionou: hoje, ele tem casa cheia em 90% dos dias e equipe especializada, como Pedro Serrapede. "Tem quem volte até três vezes no mês", afirma.

A oferta na capital satisfaz todos os gostos. A Cantagalo Burger, com unidades em Santana e Tatuapé, trabalha com o rodízio de míni hambúrgueres com uma torre de queijo cheddar derretido. "É meu carro-chefe", diz Bruna Caram, sócia do estabelecimento. O serviço foi implantado na lanchonete há dois meses e já lidera as vendas. "80% dos nossos clientes pedem o formato rodízio", detalha ela, pois o restante é à la carte. "O nosso hambúrguer não é pequeno, mas a pessoa pode repetir mil vezes. Por experiência do dia a dia, dificilmente alguém consegue comer mais do que seis", entre-

FARTURA Míni hambúrguer no Cantagalo: 80% dos clientes pedem o formato de preço fixo

ga Rafael Lima, outro proprietário do negócio. A rede Mais Burguinho, presente nos bairros de Imirim, Moema e Tatuapé, também lucra com os míni lanches. O lugar atende cerca de 20 mil pessoas por mês. "Isso dá um total de 140 mil hambúrgueres por mês, são seis toneladas de carne", contabiliza Jeferson Lodi, proprietário. "Ofereço produtos artesanais de carne, salmão, frango, calabresa e vegetariano, entre outros, tudo por um custo fixo. A vantagem do rodízio é essa: a pessoa vem, experimenta diversos sabores e não se surpreende quando a conta chega". Em São Bernardo do Campo, o The Paztel atrai turistas com o rodízio de pastel. O diferencial é que há mais de 50 opções de recheio para o consumidor escolher a seu bel-prazer. "O nosso pastel não tem vento", afirma Jorge Ciconello, sócio do empreendimento.

DRINQUES

Além dos petiscos, existem restaurantes para quem busca refeições completas. O Cantina D'Irene Mooca é um rodízio de massas popular na Zona Leste. "O preço é acessível para a quantidade de opções que podemos experimentar", aprova a personal trainer Marcela Rosa, de 31 anos, frequentadora do local. "Não dispenso nenhum prato que me oferecem". No bairro ao lado, o Tatuapé, o inusitado Vibe de Dubai propõe o rodízio de cervejas e drinques. O jornalista Jonathan Pereira, 40 anos, se aventurou pela opção de bebidas, que inclui caipirinhas e coquetéis com gim e vodca. "Fui numa terça-feira e tomei sete caipirinhas", contou. A gastronomia em São Paulo nunca cansa de surpreender. ■

FOTOS: GABRIEL REIS

ANÁLISE Mergulhador colhe material do convés do navio afundado: liberação da carga pode levar décadas

História

Uísque 170 anos

Bebida suficiente para encher 56 mil garrafas está desde 1854 no fundo de um lago nos EUA. Carga pode valer até R$ 4,5 bilhões

Duda Ventura*

Bebidas destiladas bem conservadas praticamente não têm prazo de validade. Os 170 anos que 280 barris de uísque passaram no fundo do Lago Michigan, nos Estados Unidos, porém, desafia essa questão. Um navio a vapor chamado The Westmoreland transportava essa carga quando naufragou durante uma tempestade, em 1854. Nas águas frias do lago, 17 pessoas foram mortas e algum ouro e todo esse uísque foram esquecidos a 60 metros de profundidade até 2010, quando o historiador e mergulhador Ross Richardson o encontrou. Até então, a história era tida como uma lenda urbana para os navegantes.

"O uísque maturou todo esse tempo. Se a pressão da água não tiver feito o barril estourar e contaminá-lo, a bebida permaneceu lá com pouca oxidação e sem evaporação, maturando, por 170 anos. Algo que seria quase impossível fora da água", explica Mauricio Porto, sommelier e sócio do Caledonia Whisky & Co, bar especializado, em São Paulo. O preço do conteúdo do The Westmoreland pode ser assustadoramente alto. Em estimativa, 280 barris rendem até 56 mil garrafas. Levando em conta uísques em casos semelhantes que foram comercializados, essa bebida pode valer até R$ 4,5 bilhões. "Esse caso é único e, por causa da data antiga, qualquer uísque que tenha sido feito naquela época seria muito valioso", afirma Porto.

Os colecionadores não são os únicos que têm interesse nos barris. Destilarias americanas consideram a possibilidade de analisar cientificamente a composição do milho que produziu esses destilados, porque não é o utilizado hoje. O sabor pode ser completamente diferente. Para aqueles que se animaram com a possibilidade de adquirir uma garrafa, porém, a burocracia não é muito animadora: para remover quaisquer objetos naufragados nos Grandes Lagos – grupo que abriga os lagos Superior, Michigan, Huron, Erie e Ontário – o tempo para conseguir licenças pode ser longo, levar até décadas, ao ponto de tornar esse tesouro algo mais valioso ainda. ■

**Estagiária sob supervisão de Thales de Menezes*

FOTO: CHRIS ROXBURGH

RESTRIÇÃO Casal fuma em coffee shop de Amsterdã: Prefeitura vai reduzir horários de abertura dos estabelecimentos

AMSTERDÃ dá MEIA-VOLTA

Capital holandesa cogita restringir ainda mais o consumo de drogas leves, em prol do sossego dos moradores do local conhecido pelo "turismo de maconha"

Ana Mosquera

Acostumada a receber visitantes em busca de prazer e diversão, Amsterdã estuda limitar o consumo de maconha no Distrito da Luz Vermelha, lugar de suas famosas casas de prostituição. Encabeçadas pelo conselho municipal, as propostas partem do anseio dos moradores pelo sossego de antigamente. Nos últimos anos, houve um expressivo deslocamento por parte deles, do centro turístico para as periferias. As novas medidas pretendem alterar o horário dos coffee shops, locais de venda e consumo de maconha e haxixe (resina da maconha), e brecar a utilização das drogas leves nas ruas. Elas vêm na retaguarda de imposições anteriores, que já controlam a comercialização e o consumo de álcool a céu aberto, a presença de ambulantes na região e o funcionamento de trecho do bairro na alta temporada.

Desde a década de 1970, o comércio de maconha é permitido na Holanda, e as lojas especializadas foram fundamentais para esse avanço. "Esse turismo é lucrativo e foi extremamente disciplinado com a abertura dos coffee shops. Antes, havia

FOTOS: JEFF VINNICK/GETTY IMAGES VIA AFP; JAN KEES HELMS/REUTERS; PETER DEJONG/AP PHOTO

SINAL FECHADO
As vitrines ocupadas pelas profissionais do sexo, que trabalham legalmente no país europeu desde 2000, correm o risco de apagar mais cedo e, em um cenário mais dramático, de serem remanejadas. A possibilidade de transferi-las para outra localidade é cogitada pelo poder público, e pode ser a luz no fim do túnel dos saudosos dias mais tranquilos no Red Light District.

tráfico nas ruas, envolvendo risco de violência e outros problemas", diz Henrique Carneiro, professor de História da USP e coordenador do Laboratório de Estudos Históricos das Drogas e da Alimentação, o LEHDA.

"Desde os primórdios da história da humanidade, tanto as drogas quanto a prostituição foram largamente utilizadas", lembra Douglas Galiazzo, professor do curso de Direito da Estácio. Para o especialista, as restrições em torno de seus usos giram em torno de uma palavra: controle. Do corpo, no caso da prostituição e da mente, com relação à maconha: "Seria proibir e limitar as pessoas segundo a moral cristã, nitidamente controladora e proibicionista". Para Carneiro, a Holanda mantém uma tolerância hipócrita, já que mesmo a maconha não é legalizada no país: "Não existe o direito ao cultivo, a uma autoprodução". Hoje, a lei permite que cada habitante cultive no máximo cinco plantas, o que torna os comerciantes dependentes de importação da erva, inclusive do crime organizado.

Se o comércio local de drogas leves se volta contra os próprios moradores, a possibilidade do consumo em outros países também ameaça o atrativo holandês. "Coloca em cheque o que foi útil durante algumas décadas, mas que agora está, de certa forma, superado pelo próprio modelo estadunidense e canadense", diz Carneiro. A onda que reverbera dos Países Baixos ganha ecos dentro da Europa, e a Alemanha pode ser o primeiro país do continente a autorizar seu uso recreativo. As determinações holandesas, anunciadas para maio, esbarram mais na política urbana, na opinião do historiador: "Há uma espécie de insatisfação dos moradores com um turismo predatório, que acaba tendo consequências até de saúde pública."

NA PELE

"Ouvi comentários de moradores que falaram, 'essa é a Red Light que eu conheço', principalmente os mais velhinhos", diz o músico Paulinho Paes, sobre o cenário que se tornou desértico no auge da pandemia. Morador de Roterdã, o brasileiro visita muito a capital para fazer shows, mas só teve a dimensão do movimento caótico quando tentou cruzar o distrito num sábado à noite de verão, com mochila e violão a tiracolo: "Naquele dia eu vi que é realmente desagradável aquele monte de turista".

Há anos, projetos de lei tentam dissipar os viajantes até outras cidades holandesas. A industrial Roterdã, por exemplo, conta com os tais cafés, ainda que em menor número e menos badalados. Criada em 2022, a campanha "Fique Longe" pretende limpar o "turismo de sexo e drogas" de Amsterdã do imaginário internacional. "Os moradores não gostam dessa associação entre Holanda e maconha, porque, na verdade, quem mais fuma são os turistas", afirma Paes. No último ano, 18 milhões de visitantes passaram por lá e a expectativa é que esse número chegue aos 30 milhões em 2025. "Eu não sei se eles vão ter sucesso, porque envolve tradições muito antigas da região", opina Carneiro, sobre as mudanças em discussão. Enquanto o bairro não se transforma efetivamente, as luzes vermelhas e os cigarros seguem na capital holandesa. ■

SEM PARAR
Movimentação intensa de turistas atravessa as noites nas ruas do Distrito da Luz Vermelha

Comportamento/**Telefonia**

Alugam-se smartphones

Acostumado a trocar de celular a cada dois anos, brasileiro movimenta mercado com serviços de assinatura que facilitam acesso aos aparelhos. Tendência mostra crescimento constante em 2023

Elba Kriss

Há dois anos, a empresária Maynara de Jesus, de 30 anos, precisava de um celular de última geração como ferramenta de trabalho. Com uma rápida pesquisa, encontrou o aluguel de smartphones e escolheu um iPhone 12 (64 GB) por meio da startup Leapfone, com mensalidade de R$ 299. Após 30 meses, teve opção de comprar o gadget. "Agora ele é meu. Algumas locadoras não oferecem isso. Por isso, indico a prática, que é fácil, rápida e útil."

Ela é um exemplo de uma pesquisa da Mobile Time/Opinion Box, que indica que brasileiros levam mais de dois anos para trocar de celular. Mesmo assim, 51% pretendem trocar em até um ano. Para esse nicho, aluguel, assinatura e outras facilidades passam a ser vantagens. É o caso do empresário Adeyc Borges, 31, que tem um iPhone 13 Pro Max (128) pela allu, plataforma de assinatura. "Ele estava caro para compra e imaginei escolher um modelo inferior, mas não foi necessário. Sendo assinante, também tenho seguro e assistência", lista. Hoje, um celular igual ao de Borges ultrapassa os R$ 8 mil. Pela allu, ele sai por R$ 3.897 por 12 meses, ou seja, R$ 324,75 mensais. Após esse período, ele pode renovar o contrato, trocar ou devolver o dispositivo. A plataforma cresceu 121% em 2022. Pedro Sant'Anna, COO da empresa, explica o que os difere da locação. "O aluguel está relacionado ao acesso ao produto, já a assinatura tem serviços agregados. Oferecemos proteção contra furto e roubo, assistência técnica, celular reserva, capinha, película e carregador."

"Os usuários entenderam sobre a vida útil de um aparelho e suas atualizações tecnológicas", cita o especialista em transformação digital Jefferson Yoshizume. Assim, facilidades para atrair o consumidor surgem. O Itaú tem o programa iPhone pra Sempre, em que seus clientes pagam 70% do valor de um dispositivo em 21 meses. Depois disso, podem ficar com o telefone (pagando os 30% restantes), fazer um upgrade ou devolver o aparelho. A Samsung tem ofertas semelhantes com a Porto Seguro Bank e Itaú Unibanco, com um ponto forte da marca. "O Android é o sistema mais utilizado no País, alcançando fatia superior a 80% da população", destaca Carlos Formigari, diretor do Itaú Unibanco.

"Ocorre com os smartphones o que aconteceu com o mercado de carros, que começou com venda de novos e evoluiu para usados, seminovos e aluguel"
Guille Freire, cofundador da Trocafone

A Trocafone, startup de troca e venda de smartphones, entrará no segmento no próximo semestre. "Essa tendência é similar com o mercado de carros, que começou com venda de novos, depois evoluiu para usados e seminovos. O mesmo acontece com o smartphone. Este é o momento para investir em plataforma de aluguel", diz Guille Freire, cofundador da empresa. "O Brasil tem problema de acesso à tecnologia, que é cara. Nosso objetivo é democratizar isso". ■

LOCAÇÃO
A empresária Maynara de Jesus alugou um celular de última geração: burocracia facilitada

FOTOS: FABRYKANT/DIVULGAÇÃO; JOÃO CASTELLANO

Do cinema aos **hospitais**

SENSIBILIDADE
Criança que foi voluntária: dispositivos eficazes para rastrear distúrbios genéticos

Pesquisadores descobrem que os equipamentos tecnológicos empregados na produção dos filmes da franquia *Avatar* são úteis na saúde. Com eles, é possível reduzir o tempo e aumentar a precisão do diagnóstico

Fernando Lavieri

A ciência foi retratada no cinema em inúmeros filmes. Mas dessa vez acontece o inverso. Pesquisadores se valeram de equipamentos utilizados no set para aplicações em saúde. Um grupo de cientistas se juntou no Imperial College e na Universy College London (UCL), na Inglaterra, para descobrir formas de melhor detectar os movimentos de pessoas acometidas por graves e raras doenças. E a base utilizada para o trabalho foram dispositivos tecnológicos utilizados no filme *Avatar*, mas no primeiro, o de 2009. Para que os longas-metragens pudessem atingir os níveis impressionantes de realidade que alcançaram, já que se trata de fabulosa ficção científica, o diretor James Cameron usou trajes de captura de movimentos capazes de reconhecer minúsculos detalhes da movimentação em todas as partes dos corpos dos atores enquanto estivessem em cena. Tal sistema permitiu adequar, por meio de computação, a imagem humana à dos personagens extraterrestres. Os instrumentos cinematográficos se mostram também eficientes para perceber alterações motoras causadas por enfermidades.

O aproveitamento dos dispositivos de *Avatar* se transformou em duas pesquisas científicas de utilização de Inteligência Artificial publicadas recentemente na revista *Nature*. Os estudos vieram à tona justamente no momento em que o segundo filme da franquia, *Avatar: O Caminho da Água*, está batendo recordes de bilheteria. Quando o assunto é doenças raras, muitos casos se referem a algo que é degenerativo e que não tem cura. Ou seja, que compromete aos poucos as funções vitais do organismo. São patologias que, ao evoluírem, levam a pessoa a uma situação de incapacidade, de tal forma que ela não consegue desenvolver as tarefas cotidianas mais simples como, por exemplo, tomar um copo d'água. Desta vez, duas doenças foram observadas com profundidade: Ataxia Friedreich (FA) e Distrofia Muscular de Duchenne (DMD). A primeira enfermidade causa a perda de reflexos, diminuição da sensibilidade profunda e deforma a coluna vertebral. A outra, com

FOTOS: GREAT ORMAND STREET HOSPITAL; 20TH CENTURY STUDIOS; THMOAS ANGUS/IMPERIAL COLLEGE

“A partir do momento em que tivermos precisão sobre a quantidade de pessoas que têm doenças raras, a produção de medicamentos será menos custosa”
Primo Paganini, psiquiatra do Instituto de Psiquiatria da USP

NO ESTÚDIO DE *AVATAR*
Acima, o diretor James Cameron com um ator usando a malha com sensores; ao lado, a atriz na captura de imagens e a montagem final na tela

o passar do tempo, faz a pessoa ter fraqueza muscular, dilata o coração e provoca dores nas articulações. “Estou completamente impressionada com os resultados”, afirmou à imprensa inglesa a médica Valeria Ricotti. Ela refere-se ao impacto na antecipação de diagnósticos e na criação de novos medicamentos.

RESPOSTA RÁPIDA

Para que o médico consiga descobrir qual é a doença, em qual nível ela se encontra no organismo e o seu inevitável avanço, tudo isso com precisão, o especialista compara a movimentação do paciente com padrões clínicos de mobilidade, mas tal análise pode levar muito tempo, às vezes anos. E há mais um problema. Por mais experiente e dedicado que o médico possa ser, existe uma enorme diferença entre a visão humana e a da máquina. No estudo a respeito de Ataxia Friedreich, que atinge cerca de 50 mil pessoas em todo o mundo, percebeu-se que, com a utilização do trajes e o auxílio da Inteligência Artificial, as perguntas essenciais sobre a condição do paciente poderiam ser descobertas dentro do prazo de 12 meses. Nos testes feitos em portadores de Distrofia Muscular de Duchenne, que acomete 20 mil crianças por ano, o diagnóstico completo se deu em seis meses. Reduzir o tempo de investigação é fundamental, para propiciar melhor assistência às pessoas.

“Nossa abordagem detecta movimentos muito sutis. O equipamento vai modificar a forma como analisamos e monitoramos os pacientes”, pontuou o pesquisador Aldo Faisal, do Imperial College. “Na verdade, todas as ações que se referem às doenças raras devem mudar”, entende Primo Paganini, psiquiatra do Instituto de Psiquiatria da USP. Ele explica que os remédios contra patologias incomuns são caríssimos, porque a indústria farmacêutica desenvolve tais medicações de acordo com a quantidade de casos, que não é exata. “A partir do momento em que tivermos, com precisão, o número de pessoas que precisam ser tratadas, a produção de drogas também será mais correta e menos custosa”, diz ele.

A invenção do sistema de captação de movimento vai ainda mais longe. Segundo Paganini, tem ação em diversas patologias de ordem psiquiátrica, em problemas cardíacos, nos pulmões e outros. No caso das doenças raras, não há possibilidade de reversão, mas no tratamento de pessoas com Parkinson, por exemplo, a antecipação do diagnóstico pode garantir mais qualidade e tempo de vida. Quando o paciente tem arritmia cardíaca, se os médicos conseguirem descobrir com antecedência, o profissional pode corrigir os batimentos com medicação e evitar uma parada do coração ou um Acidente Vascular Cerebral (AVC). “Com o equipamento podemos melhorar a vida das pessoas e, em alguns casos, evitar que morram”, conclui o psiquiatra. ■

ESTUDO
Aldo Faisal e uma paciente no Imperial College: ela veste os sensores em pontos do corpo

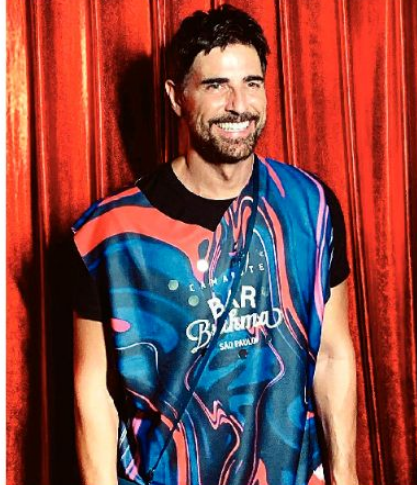
Gente

por Elba Kriss

Por uma boa causa

Com turnê marcada pelo Brasil, o cantor português ***Salvador Sobral*** *conta os dias para visitar São Paulo e Rio de Janeiro. Considerado um dos mais importantes músicos europeus da nova geração, o vencedor do Festival Eurovisão da Canção 2017 vai se apresentar em Ilhabela, litoral norte de São Paulo. A renda obtida com a venda de ingressos será revertida para uma boa causa: "Será um show beneficente em prol das vítimas das chuvas na região", afirmou Sobral. "Quem me conhece sabe como considero importante cantar no Brasil, uma vez que a música brasileira é a mais relevante na minha construção enquanto intérprete." A apresentação de Sobral acontecerá no Teatro Vermelhos, em Ilhabela, em 11 de março. Toda a arrecadação do espetáculo será doada ao Fundo Social de Ilhabela e à ONG Médicos da Terra.*

Feliz na busca pelo equilíbrio

A agenda de Caroline Trentini anda bastante ocupada. No mês passado, a supermodelo brasileira foi destaque na Semana de Moda de Nova York, nos EUA, quando brilhou em desfiles para as grifes Michael Kors, Altuzarra e Brandon Maxwell. Na sequência, voou para Londres, na Inglaterra, para mais compromissos. Mãe de Bento, de nove anos, e Benoah, de seis, frutos da união com o fotógrafo Fabio Bartelt, Carol não vê a maratona de viagens como um problema. "Tenho 35 anos, sendo quase 21 de carreira. Sempre tentei equilibrar a minha vida profissional com a pessoal. Creio que uma coisa reflete diretamente na outra. Para isso, conto com uma rede de apoio, especialmente do meu marido", disse à ISTOÉ. Ela vive um dos melhores momentos da carreira. "Estou muito feliz. Trabalho com gente legal, tenho uma família maravilhosa e consigo dedicar meu tempo a esses dois mundos". O seu lema de vida é a busca pela harmonia: "Quanto melhor profissional eu for, melhor mãe serei. Recarrego as energias em casa."

Livre, leve e solto

Um dos pontos altos do Carnaval foi ver **Reynaldo Gianecchini** soltinho no Camarote Bar Brahma, no Sambódromo do Anhembi, em São Paulo. O ator curtiu o Desfile das Campeãs na madrugada e não titubeou ao responder aos jornalistas de plantão: afinal, o galã se joga na paquera? "Sempre", disparou. A farra serviu para espairecer antes do próximo trabalho. Em 9 de março, o artista estreia o espetáculo *A Herança*, em São Paulo. Inspirada pela temática LGBTQIA+, a peça tem importância especial para Giane. "Era necessário adentrar esse mundo, pela primeira vez, de lupa", admitiu. E concluiu: "Nunca frequentei bares e baladas gay. Não me sentia parte da comunidade, embora tivesse sempre muita empatia. Agora entendo a importância de se agrupar para lutar pela própria existência".

A receita do sucesso

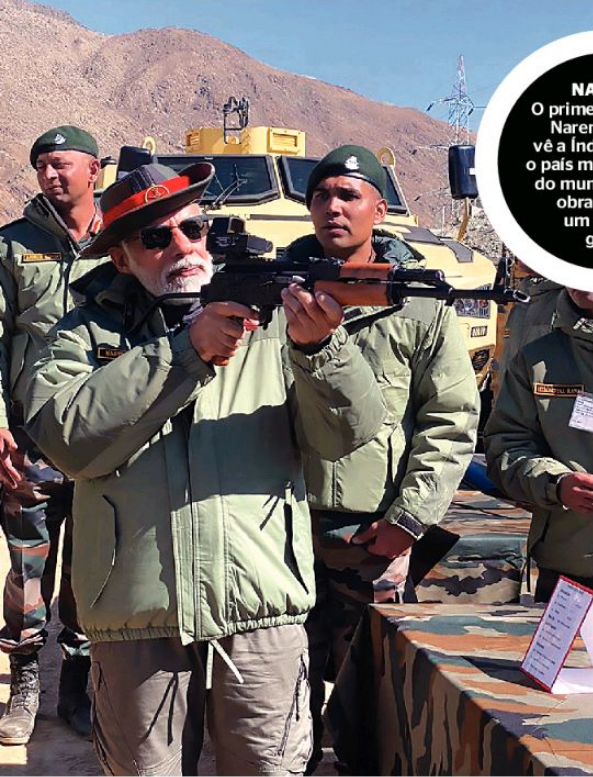
Elogiada pela crítica, a série *Santo Maldito*, do streaming Star+, conquistou o público com uma boa combinação de drama e suspense. Na trama, Felipe Camargo interpreta um professor ateu que vira um líder religioso após supostamente ter realizado um milagre. O diretor **Gustavo Bonafé** comemora o sucesso: "Há mais produções brasileiras por causa dos streamings, e a qualidade delas também cresceu", avalia ele. No elenco, Ana Flávia Cavalcanti, Bárbara Luz e Augusto Madeira atuam em sequências de tirar o fôlego. Bonafé entrega a receita: "A série tem viradas constantes, com mudanças radicais na trama. Isso é bom para a audiência, pois gera interesse e faz com que o público se envolva cada vez mais com os personagens".

Tropeça, mas não cai

Emocionada por ganhar a estatueta de Melhor Atriz pela série *George & Tammy*, Jessica Chastain tropeçou e quase caiu no palco do SAG Awards. Foi apenas um susto em meio ao seu momento de glória. No discurso de agradecimento, foi aplaudida ao enaltecer os colegas que estão em início de carreira. "A nossa mente é poderosa. Somos quem nossos pensamentos moldam. Sigam em frente, estou ansiosa para trabalhar com vocês um dia", disse. Na próxima semana, a atriz voltará à Broadway, onde está em cartaz com o espetáculo *Uma Casa de Bonecas*. Aos 45 anos, empoderada e bem-sucedida, a estrela está cada vez mais madura. "Não sinto tanta necessidade de me provar", declarou. "Dez anos atrás, eu sofria de síndrome do impostor, que é algo que muitas mulheres sentem. Agora sinto que já estou em casa".

A nova namorada de Brad Pitt

A fila anda para todo mundo – até para Brad Pitt. O ator de 59 anos está prestes a tornar público o namoro com a designer de joias **Ines de Ramon**, de 30 anos. Os dois estão se conhecendo melhor desde novembro, quando foram vistos juntos na primeira fila de um show do U2, nos EUA. Depois viajaram ao México, quando ela foi fotografada pelos paparazzi fazendo topless. A relação é séria e, segundo amigos, ele já a apresentou aos filhos de seu casamento com Angelina Jolie. Ines era casada com o ator Paul Wesley até 2022 e ainda não havia oficializado o divórcio. A papelada só foi assinada em fevereiro. Boa notícia para Pitt: agora a designer é, oficialmente... solteira.

FOTOS: REPRODUÇÃO INSTAGRAM; WAY MODEL/DIVULGAÇÃO; REPRODUÇÃO INSTAGRAM; PEDRO F RODRIGUEZ CHACAL/DIVULGAÇÃO; VALERIE MACON/AFP; REPRODUÇÃO INSTAGRAM

NA MIRA
O primeiro-ministro Narendra Modi vê a Índia se tornar o país mais populoso do mundo: mão de obra barata é um atrativo global

O gigante indiano

No dia 14 de abril, a Índia se tornará o país mais populoso do mundo, com 1,425 bilhão de pessoas, e grandes perspectivas de crescimento econômico. Oscilando entre EUA e China, tem papel de peso na geopolítica do planeta

Denise Mirás

Na reconfiguração global que se torna cada dia mais evidente com a guerra na Ucrânia, a Índia está em uma posição estratégica — e não apenas geograficamente. Pela projeção da ONU, se tornará o país mais populoso do mundo no próximo 14 de abril, com 1.425.775.850 de pessoas, ultrapassando a China, que envelhece e encolhe. Como metade dessa população tem menos de 30 anos, o crescimento econômico a longo prazo está no horizonte dos indianos. Enquanto isso, o primeiro-ministro Narendra Modi, que em 2024 completa dez anos no poder, flutua confortavelmente entre potências do Ocidente e do Oriente, e cada vez mais a Índia é cortejada por empresários e líderes de EUA, Alemanha e França, em busca de parcerias comerciais e apoio contra Rússia e China.

O mundo novamente se divide em dois blocos, a geopolítica volta a se sobrepor à geoeconomia e a Índia assume um papel central nesse redesenho, segundo Gunther Rudzit, professor de Relações Internacionais da ESPM. "A Índia é aliada de EUA, Japão, Austrália. São países com os quais faz exercícios militares, que se contrapõem à presença chinesa cada vez maior no Indo-Pacífico", explica. "Índia e China têm fronteiras em disputa, já foram à guerra por causa disso e volta e meia seus soldados entram em choque. A Índia é aliada do Ocidente contra a China, mas ao mesmo tempo é aliada da China e da Rússia no BRICS (grupo dos chamados países emergentes, que conta também com Brasil e África do Sul)."

Nessa correlação de forças, qual é o peso do país mais populoso do planeta? Apesar desse crescimento ter desacelerado,

FOTOS: REPRODUÇÃO; SHAMMI MEHRA/AFP

segue em linha ascendente, com força de trabalho garantida nas próximas duas décadas. Leva vantagem sobre a China, que tem população em queda depois de mais de meio século e o dobro de pessoas com mais de 60 anos. E perspectivas piores sobre corte de produção das indústrias por falta de mão de obra e aumento de despesas relacionadas ao envelhecimento. "A Índia é importantíssima para o Ocidente do ponto de vista político e militar, mas também por sua economia estar crescendo muito. Talvez até supere a chinesa a longo prazo", complementa Rudzit.

Mas a Índia, na verdade, tem um exército de braços a baixo custo para a produção industrial, como observa Luciana Mello, professora do Centro Universitário IBMR-RJ e especialista em Relações Internacionais e Comércio Exterior. "É o motor da economia? Sim. Mas a elevação do poder de compra das pessoas só vem com bens e serviços, que estão em um nível mais sofisticado. E esse é um processo de décadas. Hoje a maior parte dessa população é chão de fábrica, com remuneração baixa."

A VIRADA

O crescimento populacional é positivo se o país se preparar para esse boom, destaca a professora, explicando que no caso indiano, ainda sofrendo sequelas da colonização britânica, vem da combinação de dois fatores: políticas para saúde e saneamento, que reduziram a taxa de mortalidade, e vácuo de políticas de controle de natalidade. E o crescimento econômico não necessariamente se reverte em benefícios para a sociedade. É preciso ver o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), que no caso da Índia é péssimo: 132º de 191 países. "O PIB não reflete na qualidade de vida da população ou na perspectiva de melhora no futuro", explica Luciana.

TODOS QUEREM A ÍNDIA

Também pela mão de obra em grande quantidade e barata, mas não apenas por esse aspecto econômico, empresários e governantes dos EUA, Alemanha e França se mostram mais agressivos na tentativa de formatar parcerias com os indianos. Os americanos levaram seu jato militar mais avançado, o F-35, para o tradicional show Aero Índia de Bangalore, em fevereiro, assim como outros caças e bombardeiros, para tirar os indianos dos braços dos russos, seus maiores fornecedores de armas desde a época da URSS. Na semana seguinte, o primeiro-ministro alemão Olaf Scholz seguiu pessoalmente à Índia para dizer ao colega Narendra Modi que isolasse a Rússia.

Economicamente, a partir da pandemia e da guerra na Ucrânia, os países mais desenvolvidos estão tentando encurtar caminhos e não depender tanto de terceiros. A Índia, que faz parte de várias cadeias de produção global – ligadas a suprimentos eletrônicos, de informática, de remédios e de vacinas –, não quer perder sua relevância, nem seus investimentos e postos de trabalho, observa o professor Rudzit. Nesse ponto, economia e política se encontram: "Pode ser que a Índia sofra com os países se fechando. Ou talvez ganhe com empresas que se transfiram para lá, porque a China está se contrapondo ao Ocidente. Esse é um processo sobre o qual pouquíssimos governos têm capacidade de atuação". ■

ARTE

por Felipe Machado

PINA
Novo prédio da Pinacoteca dedicado a mostras contemporâneas: 400 mil visitantes a mais por ano

A redescoberta dos museus

Reformas e projetos de expansão de grandes instituições culturais dão ao público acesso a acervos que estavam guardados há décadas

INHOTIM Espaço Cláudia Andujar: área ao ar livre facilita a contrução de outras galerias

Para os amantes da arte, a expansão de qualquer instituição cultural é sempre motivo de alegria. A inauguração da Pina Contemporânea, novo prédio da Pinacoteca do Estado de São Paulo vai além disso. O complexo, que inclui ainda o edifício da Pina Estação, torna o museu paulista o maior em área para exposições no País e o segundo maior da América Latina. O sonho da expansão começou em 2005, quando o acervo da Pinacoteca, o museu mais antigo de São Paulo, ultrapassou as onze mil obras. Devido ao espaço limitado do prédio original, projeto do arquiteto Ramos de Azevedo inaugurado em 1905, apenas 10% delas estavam em exibição. Teve início então uma longa negociação com a Secretaria de Educação, que administrava o colégio Prudente de Moares - local onde hoje está a Pina Contemporânea. A escola foi transferida e o projeto começou a ser desenhado.

O complexo, agora, passa a ter mais de 22 mil metros quadrados, com potencial para receber até um milhão de visitantes por ano, quase 400 mil a mais que antes. O grande atrativo não é apenas sua dimensão, mas a integração urbanística. Como os ingressos serão cobrados apenas nas áreas expositivas, as pessoas na região da Luz, no centro paulistano, poderão passear por seu amplo espaço, o que permitirá uma redescoberta do museu. "O edifício promove o encontro e o diálogo, de forma acessível e inclusiva. Reflete o espírito de integração presente nos programas desenvolvidos pelo museu, favorecendo a experimentação da arte contemporânea", afirma Jochen Volz, diretor geral. Sua abertura conta com duas mostras. *Chão da Praça* reúne 60 obras de 48 artistas, com instalações e esculturas de grandes dimensões; em *Quase Coloquial*, a sul-coreana Haegue Yang dialoga com as criações de artistas nacionais.

NOVAS ÁREAS

A boa notícia é que a Pinacoteca não é a único centro cultural a ganhar um projeto de expansão. O Instituto Inhotim, na região de Belo Horizonte, em Minas Gerais, passa constantemente por reformulações. Com suas características de espaço ao ar livre, a construção de novas galerias é um processo bem mais simples do que a de um museu como a Pinacoteca. A última galeria erguida no local, em 2016, abriga a obra da fotógrafa Cláudia Andujar. Há planos para a construção de um novo pavilhão dedicado à artista japonesa Yayoi Kusama, mas a data ainda não foi confirmada.

Um dos museus mais populares do País também se prepara para crescer. O Museu de Arte de São Paulo, o MASP, deu início ao projeto de expansão que será inaugurado em janeiro de 2024 e aumentará sua área em quase sete mil metros quadrados. O prédio histórico projetado por Lina Bo Bardi, na Avenida Paulista, ganhará um edifício anexo de quatorze andares, conectado por uma ligação subterrânea. Além da reserva técnica, onde ficará parte do acervo, o local abrigará novas galerias, um laboratório especializado em técnicas de restauro, salas de aula, restaurante e áreas para eventos. O anexo será batizado de Pietro Maria Bardi, marido de Lina e primeiro diretor artístico do MASP - o casal foi responsável pela fundação do museu, em 1947, junto com o jornalista e empresário Assis Chateaubriand. Com esses projetos de ampliação, o público brasileiro terá a oportunidade de redescobrir seus museus - ou viver a inebriante sensação de visitá-los pela primeira vez. ■

MASP Edifício de 14 andares na Avenida Paulista: anexo terá interligação subterrânea com o prédio histórico

FOTO: GABRIEL REIS; REPRODUÇÃO; METRO ARQUITETOS

Kiss: o show vai continuar

Roqueiros se despedem do público brasileiro em sua última turnê, mas o vocalista **Paul Stanley** garante em entrevista à **ISTOÉ** que "a banda nunca morrerá"

Felipe Machado

Com meio século de carreira e dezenas de milhões de discos vendidos, o Kiss é uma banda de superlativos. Tudo na trajetória desses roqueiros de Nova York é exagerado, dos figurinos às maquiagens, dos altos decibéis de seus shows aos alucinantes efeitos pirotécnicos. Recordistas de discos de ouro nos EUA, os norte-americanos vão comemorar meio século de carreira no Brasil. A paixão da banda pelo País é antiga: estiveram pela primeira vez em 1983 e, desde então, já excursionaram em outras oportunidades, sempre com casa cheia. Será assim também em 22 de abril, quando subirem ao palco como atração principal do festival Monsters of Rock, em São Paulo. Será a última turnê do Kiss no Brasil. Mas em entrevista à **ISTOÉ**, o líder da banda, o guitarrista e vocalista Paul Stanley, garantiu: "o Kiss nunca morrerá".

O Kiss está há quatro anos viajando com a turnê "End of the Road" (Fim da Estrada). O que planejam fazer quando ela finalmente acabar?

Começamos em 2019 e estamos na reta final. A demanda por mais shows foi incrível. É muito bom voltar aos palcos mais uma vez, mas, quando acabar, será o fim das turnês do Kiss.

Por que decidiram encerrar essa fase?

O que fazemos é diferente das outras bandas. Se usássemos jeans e camisetas poderíamos tocar para sempre. Mas corremos pelo palco com quinze quilos de figurino nas costas. Não dá para continuar fazendo isso indefinidamente. Mas o Kiss nunca morrerá, porque está na cabeça e no coração de todos. Seguiremos vivos mesmo se pararmos de tocar. Vai além das nossas forças. É uma entidade viva, com vontade própria.

Podemos esperar outros músicos usando a maquiagem de vocês ou um musical da Broadway, por exemplo?

Há muitas coisas em discussão. Não quero anunciar nada antes de estar tudo pronto, mas estamos empolgados. Não há a menor chance de o Kiss acabar só porque não estaremos mais fazendo turnês. O que criamos não vai embora.

Os primeiros shows no Brasil, em 1983, foram uma revolução. Quais as suas memórias da época?

Sabíamos que haveria muita gente, mas foi maior do que imaginávamos. Essa paixão nos fez voltar muitas vezes, sempre tocando em estádios para milhares de pessoas. Foi caótico, mas belo ao mesmo tempo. Uma febre de alegria.

Alguma lembrança específica?

Lembro que não podíamos sair do hotel, nem circular pelas cidades. Íamos direto para os shows, sempre em caravanas e com a escolta de muitos carros. O barulho do público era ensurdecedor, um mar de gente. Foi monumental.

O grupo será a atração principal do festival Monsters of Rock, junto com Deep Purple e Scorpions. O rock hoje só agrada a velha geração?

Há estilos mais populares, mas isso não

ROCKSTARS Gene Simmons, Paul Stanley, Eric Singer e Tommy Thayer (da esq. à dir.): cinquenta anos na estrada

significa que o rock morreu. As bandas são chamadas de "clássicas" por uma razão. Algumas mantêm apenas o público original, mas o Kiss atrai um público diverso. Há sempre três gerações de fãs na nossa plateia. Elas nunca saem decepcionadas.

Sua postura sempre foi contra o álcool e as drogas. Já os ex-membros Ace Frehley e Peter Criss viviam um estilo de vida radical. Como ficou imune às tentações?

Bebo vinho e não tenho nada contra o álcool. Mas muita gente morreu ou perdeu dinheiro e criatividade por causa do excesso de álcool e drogas. É uma receita para o fracasso, um estilo de vida triste e caricato. Brinco no nariz, tatuagens, todo mundo quer parecer Keith Richards *(o rebelde guitarrista dos Rolling Stones)*. Há o Keith original, e há aqueles que o copiam.

> **"Muita gente morreu ou perdeu dinheiro e criatividade por causa do excesso de álcool e drogas"**
> **Paul Stanley,** líder do Kiss

Sua parceria com Gene Simmons é longa e sólida. Ainda se encontram fora dos palcos?

Gene é meu irmão, mas nem sempre queremos ver nossos irmãos todos os dias. Eu o amo e sei que posso contar com ele. Quando começamos, ainda morávamos com nossos pais. Hoje, cinquenta anos depois, estamos aqui e vivemos muito bem.

Há rumores de que o Kiss foi influenciado pelo grupo brasileiro Secos e Molhados. É verdade?

Nunca soube disso. Com todo o respeito, nunca ouvi falar deles.

Por qual canção quer ser lembrado?

Há muitas, mas escolheria *Rock and Roll All Nite*. É um hino. ■

MITO *Santa Evita*: obra lembra que sua popularidade era temida pelo regime militar

Cultura/Livros

Os militares e Evita

Clássico de Tomás Eloy Martínez é relançado no País e narra o envio secreto do corpo da ex-primeira dama argentina à Europa

Felipe Machado

Se Evita não existisse, os argentinos teriam de inventá-la. Nenhuma outra personagem histórica representou tão bem o drama e o fatalismo típicos do país quanto a garota que nasceu em uma família pobre, fugiu para a capital com o sonho de ser atriz e chegou à Casa Rosada após conquistar o coração do presidente Juan Perón. Como toda boa história latino-americana, porém, sua vida se encerrou com o toque de realismo fantástico que tornou os escritores da região famosos em todo o mundo.

Tomás Eloy Martínez sabia disso quando decidiu contar essa história na biografia romanceada *Santa Evita*, publicada originalmente em 1995. A obra ganha nova versão agora, sete décadas após a morte de Evita. Apesar de sua trajetória marcante em vida, é a morte que traça a narrativa desse clássico. O autor descreve detalhes do uso político do seu corpo, embalsamado e exposto em uma redoma de vidro durante anos. Em seu velório, grupos de crianças eram incentivados a rezar pela paz de seu espírito e pedir por milagres.

Três anos após sua morte, em 1955, o regime militar derrubou o governo Perón e a popularidade da ex-primeira dama tornou-se um problema de Estado. A posse de fotos com sua imagem era proibida e o simples uso da expressão "peronista", punível com prisão.

CAIXÕES FICTÍCIOS

Temendo a ira popular, os militares sequestraram o corpo e o enviaram para ser enterrado em um cemitério na Itália. O destino final era segredo, e fora colocado em um envelope lacarado pelo novo presidente, o general Eugênio Aramburu. Seu advogado tinha instruções para divulgar a informação somente após sua morte. Para confundir os investigadores, outros três caixões fictícios foram enviados a embaixadas argentinas em outros países europeus. Em 1970, os Monteneros, grupo de guerrilheiros de esquerda, sequestraram Aramburu para obter informações. Sem sucesso, executaram o militar. Em 1974, sequestraram o corpo de Aramburu e exigiram que a família entregasse o de Evita em troca. Ela foi finalmente devolvida aos argentinos e enterrada no Cemitério da Recoleta, em Buenos Aires, onde descansa até hoje. ■

FOTOS: DIVULGAÇÃO; AP PHOTO

INTERNACIONAL
Chico Buarque: depois do Brasil, apresentações em Portugal

MPB

Que tal um show de Chico Buarque?

A turnê do compositor e cantor carioca, que já passou por quase todo o País, chega a São Paulo com ingressos esgotados

Depois de lotar casas de espetáculos em diversas capitais brasileiras, a aguardada turnê de Chico Buarque desembarca finalmente em São Paulo seis meses após sua estreia, em João Pessoa, na Paraíba. Com 16 apresentações agendadas até 2 de abril – e ingressos esgotados para todas elas –, o compositor e cantor carioca traz ao palco do Tokio Marine Hall o show *Que Tal um Samba?*. O nome é inspirado em seu último lançamento, single que chegou às plataformas digitais no ano passado e que conta com a participação especial do bandolinista Hamilton de Holanda. Como de costume, a letra da canção traz referências políticas, embora as alfinetadas no governo anterior sejam feitas de forma velada. No refrão, ele propõe um samba "para espantar o feio, remediar o estrago, um samba para alegrar o dia, para zerar o jogo". Essa é a oitava vez que o artista de 78 anos excursiona pelo Brasil, ao longo de suas cinco décadas de carreira. Embora o foco principal da performance seja mesmo a música, o belo cenário, criado por Daniela Thomas, chamará a atenção do público. Seus enormes painéis exibem imagens de grandes fotógrafos brasileiros, dentre eles Sebastião Salgado, Araquém Alcântara e Walter Carvalho. No repertório estão grandes sucessos de Chico, como *Paratodos* e *Bancarrota Blues* – dedicada ao ex-ministro da Economia Paulo Guedes –, além de homenagens a Gal Costa e Erasmo Carlos. Após São Paulo, Chico se apresentará em Salvador e embarcará para Portugal, onde tem datas agendadas em Lisboa e Porto.

ABERTURA COM MÔNICA SALMASO

Quando era criança, a paulistana Mônica Salmaso (foto) costumava acompanhar os discos de Chico Buarque. Anos depois, a cantora de 51 anos voltou a fazer isso, mas no palco: ela é responsável pela abertura dos shows na temporada de 2023. Após a introdução, em que canta *Todos Juntos*, da trilha sonora de *Os Saltimbancos*, Mônica divide com Chico quatro canções, antes de deixá-lo sozinho no palco.

PARA LER

James Bridle é conhecido por sua abordagem original de temas como a inteligência artificial e a integração com a natureza. Em ***Maneiras de Ser***, o autor defende a ideia de que o ser humano tem de aprender a se relacionar com outros seres vivos, como rios e florestas.

PARA VER

O filme curitibano ***Coração de Neon*** é um dos expoentes do "Novo Cinema Popular Brasileiro". Conta a história de Fernando, motorista de um carro de som que entrega mensagens. A produção tem recebido destaque em festivais internacionais.

PARA OUVIR

Em comemoração a seus 80 anos, o cantor e compositor **Paulinho da Viola** faz show em 4/3 no Vibra São Paulo. Um dos maiores músicos da MPB, apresentará grandes sucessos, dentre eles *Pecado Capital* e *Canta, Canta Minha Gente*.

FOTOS: FERNANDA PICCOLO/FOTOARENA/ESTADÃO CONTEÚDO; LORENA DINI; DIVULGAÇÃO; REPRODUÇÃO

por Felipe Machado

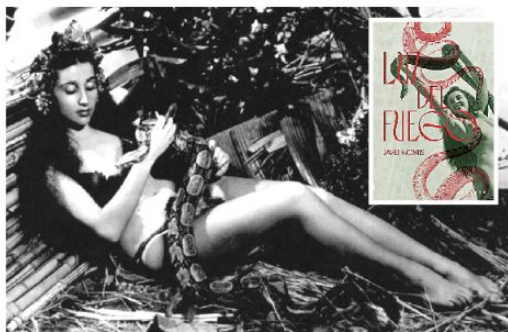
MÚSICA

Trio italiano cantará em português

Os fãs do trio vocal italiano **Il Volo** terão uma bela surpresa nas próximas apresentações do grupo pelo País. Nos shows que acontecem em São Paulo (8 e 9/3), Rio de Janeiro (11/3), Porto Alegre (17/3) e Curitiba (18/3), Piero Barone, Ignazio Boschetto e Gianluca Ginoble cantarão em português pela primeira vez. Além de sucessos como *Grande Amore*, *O Sole Mio* e árias da ópera *Nessun Dorma*, o grupo incluiu no repertório *Como Vai Você?*, composição dos irmãos Antônio e Mário Marcos que foi sucesso na voz de Roberto Carlos.

ARTE

O dinheiro como matéria-prima

Radicado nos EUA, um dos artistas plásticos mais versáteis do País retorna a São Paulo para a exposição *Dinheiro Vivo*, na Galeria Nara Roesler. A mostra de **Vik Muniz** se divide em duas partes: na primeira, suas imagens exibem releituras dos animais que estampam as cédulas do dinheiro brasileiro. As obras foram criadas a partir de restos de papel-moeda que iriam para o descarte e foram cedidos pela Casa da Moeda. A segunda parte traz pinturas e gravuras de paisagens recriadas a partir de ilustrações clássicas do século 19.

BIOGRAFIA

Uma mulher à frente do seu tempo

Quando viveu no Rio de Janeiro, Javier Montes teve contato com a história de uma personagem única: Dora Vivacqua, conhecida como **Luz del Fuego** (foto). O espanhol publica agora a biografia dessa mulher à frente do seu tempo, que foi dançarina, atriz, escritora, feminista e pioneira do movimento naturista. Adestradora de serpentes, foi a primeira artista a aparecer nua em um palco no País. Nascida em uma tradicional família do Espírito Santo, morreu assassinada em 1967.

CLÁSSICOS

Pianista ucraniana em São Paulo

A Orquestra Sinfônica Municipal de São Paulo recebe uma convidada especial no fim de semana: a premiada pianista ucraniana Anna Dmytrenko (foto) irá apresentar O *Concerto para Piano Nº 2*, do russo Sergei Prokofiev, e a *Sinfonia Nº 6*, de Gustav Mahler, em 4 de março, no **Theatro Municipal**. Inspirada pela narrativa de um herói que luta, mas padece no final, a obra do compositor austríaco é conhecida como "A Trágica". A regência será de Roberto Minczuk.

por Mentor Neto

Escritor e cronista

A EVOLUÇÃO DA ESPÉCIE

As redes sociais não são o problema. Problema, mesmo, é o ser humano.

Perdoem o pessimismo com que começo esse artigo, mas hoje acordei com pouca esperança.

Uma breve passada de olhos pelos comentários nas redes sociais e pelas principais notícias do dia mostra que somos, em grande parte, uma espécie ignorante, invejosa, vingativa e arrogante.

E não preciso nem mesmo lembrar-se de Putin, Trump ou da família Bolsonaro para provar meu ponto.

Refiro-me a gente comum, como você e eu.

Verdade que já éramos assim muito antes do advento das redes sociais, mas, com elas, podemos botar para fora nossos defeitos sem a necessidade de enfrentar o julgamento alheio olho no olho. Podemos até mesmo nos esconder atrás de pseudônimos.

Aí sim, é possível explorar toda a liberdade da internet, conquistada sem nenhum mérito, monitoramento, nem manual de instruções.

Durante essa jornada, do Orkut ao TikTok, as redes sociais foram surgindo e morrendo, depurando uma espécie muito específica de usuários.

Uma subespécie de seres humanos surgiu e se desenvolveu online.

Quem diria que Darwin ecoaria até nas redes sociais?

Haters, nazistas, racistas, machistas, misóginos, analfabetos funcionais, evoluíram nos meios eletrônicos se alimentando dos posts para infernizar a vida de gente como eu e você, os perfeitos.

Digo isso não com empáfia, explico, caso você sofra desse outro mal, muito comum nas redes sociais: a incapacidade de compreender ironia.

Evidentemente que você não vai reconhecer nenhum desses sintomas.

Você, e eu, como já disse, somos perfeitos.

Ou, como bem colocou o comediante John Cleese, um dos fundadores do Monty Python: um idiota só é idiota porque não sabe que é idiota.

Talvez seja esse o meu caso. Nunca saberei.

Mas é seguramente o caso dos haters, nazistas, racistas, machistas, misóginos, analfabetos funcionais e dos incapazes de reconhecer ironia.

Trolls em geral.

Infelizes que espreitam nossos posts, sempre à procura de uma oportunidade para nos atacar.

Aprendi, à duras penas, a lidar com essa gente macabra, às vezes ignorando, às vezes bloqueando ou, raramente, confrontando – essa última opção reservo para dois exemplares: aqueles que conseguem atingir diretamente meu fígado, despertando uma ira que não reconheço no dia a dia; ou aqueles que são tão, mas tão patéticos, que provocá-los para uma discussão resulta ser divertido.

Assim, aos poucos, fui peneirando minhas redes sociais até encontrar um bom equilíbrio entre gente do bem – aqueles que invariavelmente concordam comigo (ironia, pegou?) – e uma pequena parcela inevitável desses trolls, pois se reproduzem a taxas incontroláveis.

Mais recentemente, um novo espécime se uniu a esse exército: os canceladores.

Controlar a internet é uma pauta da sociedade civil e não de partido ou governo

A princípio parecem menos nocivos que nazistas, racistas, misóginos e preconceituosos em geral. Mas, na prática, não são. Porque, diferente de seus pares, canceladores impactam além das redes sociais.

Canceladores levaram a imbecilidade para outro patamar, capaz não apenas de julgar nos tribunais online, mas, também, executar a pena imposta por seus veredictos extra-oficiais.

Canceladores dão às bolhas de opinião, o poder calar quem pensa diferente. Coisa inédita até agora, até para os mais eficazes trolls.

Por isso representa um risco imenso para a sociedade.

E é por isso que a Internet precisa ter algum tipo de controle.

Ocorre que essa não pode ser a pauta de um partido político, ou de um governo.

Precisa, sim, ser a pauta da sociedade civil, que resulte numa espécie de auto-regulamentação definida com a ampla participação da população.

E essa regulamentação é urgente, porque o risco não é mais eminente.

Quando o mundo elege fascistas, nazistas e racistas, graças a influência das redes sociais, é sinal de que já fomos longe demais.